



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Andressa Marques Ferreira

O feminino na cena contemporânea: no limiar do corpo e do laço

**UBERLÂNDIA
2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Andressa Marques Ferreira

O feminino na cena contemporânea: no limiar do corpo e do laço

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anamaria Silva Neves

**UBERLÂNDIA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F383f
2021 Ferreira, Andressa Marques, 1993-
 O feminino na cena contemporânea: no limiar do corpo e do laço
 [recurso eletrônico] / Andressa Marques Ferreira. - 2021.

 Orientadora: Anamaria Silva Neves.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5587>
 Inclui bibliografia.

 1. Psicologia. I. Neves, Anamaria Silva, 1969-, (Orient.). II.
 Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
 Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Glória Aparecida
Bibliotecária - CRB-6/2047



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 373, PGPSI				
Data:	Vinte e quatro de agosto de dois mil e vinte e um	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	11:40
Matrícula do Discente:	11812PSI005				
Nome do Discente:	Andressa Marques Ferreira				
Título do Trabalho:	O feminino na cena contemporânea: no limiar do corpo e do laço				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Psicanálise e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Famílias incestuosas: interpretações psicodinâmicas sobre os personagens familiares e as histórias de dor				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores(as) Doutores(as): Elzilaine Domingues Mendes - UFG; João Luiz Leitão Paravidini - UFU; Anamaria Silva Neves, orientadora do candidato. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Prof.^ª Dr.^ª Elzilaine Domingues Mendes participou desde a cidade de Catalão - GO, o Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini, a Prof.^ª Dr.^ª Anamaria Silva Neves e a candidata Andressa Marques Ferreira participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr.^ª Anamaria Silva Neves apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Anamaria Silva Neves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/08/2021, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Luiz Leitão Paravidini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/08/2021, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elzilaine Domingues Mendes, Usuário Externo**, em 24/08/2021, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2969956** e o código CRC **DEA84A77**.

Agradecimentos

À minha querida orientadora Anamaria, inspiração e referência em minha trajetória como pesquisadora, por me ensinar mais do que psicanálise, na amplitude do afeto, relevância ética e potência do vínculo na trilha de descobertas. Este amparo me fortaleceu e pôde sustentar elaborações significativas na leitura clínica e, mais além, da minha própria história.

À minha família, pelo amor. A minha mãe, por incentivar meus vãos e viver minhas alegrias como suas, por acreditar em mim e validar meus desejos. Ao meu pai, por me fazer sentir especial, sempre orgulhoso; por me ensinar a relevância da disciplina e dedicação, e tornar a simplicidade e humildade como traços constituintes. A minha irmã, pelo olhar encantado, parceria e testemunho das dores e delícias desta jornada.

Ao meu avô João (in memoriam) por representar tanto do meu caráter, no ensino da empatia, da escuta interessada e possibilidade de cuidar. A minha avó Valdeni (in memoriam) pela ternura, e aos meus avós Veríssimo e Perpétua, por representar o território de afeto ao qual posso sempre visitar, com sabor de doce de leite, ou de cerveja gelada. Aos meus tios e primos, pelo incentivo e reconhecimento.

Aos meus amigos, por se fazerem presentes apesar das mudanças e distanciamentos territoriais. A Gabriela, pela sintonia de nossas vidas, pela intensidade das experiências que compartilhamos e por estar sempre disposta a contínuas celebrações. A Natália, por me firmar na racionalidade e ao mesmo passo, reconhecer meus diferentes tempos e demandas. Ao Gil, pelo interesse em meus escritos, pelo olhar atento e sensível e por se fazer sempre presente, mesmo do outro lado do país. A Duana e Ana Flávia, companheiras queridas que o trabalho me proporcionou, pelos incentivos e pelo humor, que tornou meus dias mais leves. A Maria Alice, pela escuta atenta e sensível e pelas agradáveis partilhas.

A 83º turma de Psicologia, pela receptividade e importantes construções durante o ensaio na prática docente. A professora Marisa Elias, pela sensibilidade na qualificação e por despertar meu olhar para a abordagem da história das mulheres: de lutas e revoluções. E ao professor João Luiz Paravidini, tão significativo em minha trajetória de formação, pelo investimento afetivo e intensidade de suas colocações, determinantes de novos caminhos da escrita.

Ao apoio de todos os envolvidos do PGPSI, pelo suporte no decorrer desta jornada.

SUMÁRIO

Introdução -----	9-14
Capítulo 1 - Ressonâncias contemporâneas do laço social-----	14
1.1 Subjetividade na contemporaneidade-----	14-17
1.2 Sujeito e enlaces sociais -----	17-25
Capítulo 2 - Configurações familiares e articulações do feminino -----	26
2.1 Histórias que nos compõem-----	26-33
2.2 Feminino e maternidade -----	33-39
Capítulo 3 - Corpo e psicanálise: a incorporação da linguagem na carne -----	40
3.1 Dimensões da corporeidade na teoria psicanalítica-----	40-45
3.2 Corpo e violência: tessituras do mal-estar feminino na atualidade-----	45-50
Capítulo 4 - Metodologia -----	51
4.1 Os caminhos da pesquisa e a composição da narrativa -----	51-54
4.2A construção do caso: quem é esta mulher? -----	54-60
Capítulo 5 - Análise do caso -----	61
5.1 A pele que habito: o gozo feminino como acontecimento de corpo -----	61-71
5.2 Reverberações da sociedade do excesso: sensação equacionada -----	71-78
5.3 Dar a luz ao inconsciente: enigma materno e enlaces transgeracionais -----	79-88
5.4 Ressonâncias da violência e escolha amorosa -----	88-98
Considerações finais-----	99-102
6. Referências -----	103-113

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como objetivo aprofundar a análise das representações do feminino que se desdobram no real do corpo, buscando compreender as ressonâncias da violência e os impasses da apropriação da maternagem. A metodologia empreendida ancora-se na psicanálise, e o caso clínico configura-se como dispositivo relevante para compor as balizas do enigma da pesquisa. No atravessamento desta experiência, acontecem os atendimentos a uma mulher de 29 anos que anuncia os enigmas de sua origem, da sua história e de seu desamparo. Às singelas capturas, em contraste com a complexidade do excesso dialógico, pronunciam saltos sintomáticos que apontam os recortes discursivos da trama da análise, sinalizando os noticiamentos do corpo, o processo contínuo de apropriação do feminino, as reverberações do excesso pelo viés da cultura capitalista, a tortuosa apropriação da maternagem entre enlaces transgeracionais, as escolhas vinculativas e as dimensões da violência. A voz feminina que se pronuncia, busca inventar para si algum traço que possa revestir o corpo violentado e afeiçoar-se do ser mulher, assumindo desejos e devaneios. Na efervescência desta breve experiência de encontro emerge o interesse psicanalítico no enigma feminino e remete à possibilidade de traçar direções que se articulem ao lado criativo e inventivo que o irrepresentável suscita.

Palavras-chave: psicanálise, laço social, maternidade, violência, corpo, feminino.

ABSTRACT

This research aims to deepen the analysis of representations of the female that unfold in the real of the body, seeking to understand the resonances of violence and the impasses in the appropriation of motherhood. The methodology used is anchored in psychoanalysis, and the clinical case is configured as a relevant device to compose the boundaries of the research enigma. In the course of this experience, assistance is given to a 29-year-old woman who announces the enigmas of her origin, her history and her helplessness. The simple captures, in contrast to the complexity of dialogical excess, pronounce symptomatic leaps that point to the discursive sections of the plot of the analysis, pointing out the news of the body, the continuous process of female appropriation, the excess reverberations by the bias of capitalist culture, the tortuous appropriation of motherhood between transgenerational links, binding choices and dimensions of violence. The female voice that speaks, seeks to invent for itself some trait that can coat the violated body and become fond of being a woman, assuming desires and daydreams. In the effervescence of this brief encounter experience, psychoanalytic interest in the feminine enigma emerges and refers to the possibility of tracing directions that are linked to the creative and inventive side that the unrepresentable raises.

Keywords: psychoanalysis, social bond, motherhood, violence, body, female.

Introdução

Como ponto de partida para a construção desta pesquisa, inquieta-me a análise da articulação dos significantes sociais que dão contorno às modalidades de subjetivação, sendo atravessada, em particular, pela questão do feminino na cena contemporânea.

Tais inquietações são inauguradas durante a graduação, quando as movimentações afetivas me direcionam a aprofundar o enigma das composições vinculares marcadas pela violência, refletindo especificamente acerca das ressonâncias da violência sexual incestuosa no corpo. Este estudo compôs-se como iniciação científica, financiado pelo Centro Nacional de Pesquisa – CNPQ. Para tal abordagem, o projeto se embasou em um estudo de caso advindo de entrevistas abertas, mediadas através de três encontros. Durante a análise interpretativa do material, destacaram-se quatro temas centrais: “A montagem do corpo”, o modo como se constituiu enquanto “Um corpo para o outro”, o processo de “Silenciamento” e o “Tempo do corpo”. O caso foi valioso para concluir como o corpo escapa da dimensão puramente física para expressar os conflitos e traumas psíquicos.

Pelo vínculo transferencial, aprofundou-se o contato com as reverberações do corpo simbólico, superfície expressiva do psiquismo, marcado por composições de significados e representações do real.

Interessada na análise dos efeitos da contemporaneidade no laço social, e designadamente na operacionalização do corpo frente às cenas relacionais contemporâneas, propus-me a pensar de modo mais sistemático acerca dos diferentes lugares que o corpo ocupa nas composições vinculares. Tal reflexão passou a compor o estudo teórico constituinte do trabalho de conclusão de curso intitulado “As relações contemporâneas e o corpo: objeto, imagem e borda”. Neste estudo, o corpo é abarcado como objeto, à medida que representa os investimentos da exploração industrial promotora da liberação e bombeamento das pulsões e

situado como imagem através do imperativo de gozo. Os enfoques fizeram situar o corpo representado por uma perversão comum nas tentativas de dar conta de aspectos singulares do mundo contemporâneo. O corpo também é concebido como borda mediatizado pelo que resta como consistência na inscrição entre o sujeito e o outro, legitimando a constituição de relações.

Ressalto o modo como uma perversão comum faz-se ser representada nas diversas formas que encenamos a vida, fazendo com que as imagens tenham primazia sobre as palavras e o especular se sobressaia à alteridade. Tais articulações acabam por produzir novas angústias no abismo da relação com o próprio corpo. Neste sentido, destaca-se a reflexão de que as construções em análise também podem ser ancoradas pelo alinhavar de bordas ao corpo, abrindo brechas a novas possibilidades relacionais que representem a ascensão do próprio desejo diante dos ideais e promovendo a elevação a uma corporeidade específica, de consistência e legitimidade, fazendo resistência às relações de poder instauradas.

O interesse pela análise da conjugação de corpo e violência na cena contemporânea, atrelado aos aspectos da articulação do feminino, instiga a produção desta dissertação. As construções em análise, que são produzidas por meio da clínica, me fazem atentar para a recorrência discursiva de tal temática que atualiza, na cena contemporânea, a protagonização do corpo como destino do mal-estar não nomeado, e posiciona a violência emergente no laço social.

Por meio destas aspirações que demarcam a circunscrição do tema da pesquisa, a partir da leitura sócio-política do sofrimento, este estudo tem como objetivo aprofundar a análise das representações do feminino que se desdobram no real do corpo, buscando compreender as ressonâncias da violência e os impasses da apropriação da maternagem.

O caso clínico abordado nesse estudo envolve uma mulher de 29 anos que anuncia os enigmas de sua origem, da sua história e de seu desamparo. A história é atravessada pela

vivência da violência sexual na infância, mas as notícias do corpo, as composições do feminino e as fantasias relacionadas à maternidade protagonizam a dinâmica discursiva.

No desenvolvimento da escrita da dissertação, o cenário inédito da pandemia instaurou a ordem de isolamento. Ainda que o imperativo “fique em casa” fosse disseminado como medida preventiva da disseminação do vírus, a atuação no contexto hospitalar ratificou o desejo de fazer a diferença na linha de frente. Assim, por oito meses, testemunhei a rotina de profissionais e pacientes no enfrentamento da pandemia de COVID-19.

Tal contexto anuncia mobilizações significativas na cena contemporânea, como trama do sofrimento sistêmico, já que afeta a todos, ainda que de modo singular. Diante das incertezas: de modalidades de tratamento, particularidades imunológicas, distinções do contágio e diferentes reações corporais; deparamo-nos com a perda de controle, que traz como refluxo fantasias e angústias.

O testemunho clínico reverbera a ansiedade que emerge da perda de tal controle. Foi preciso reinventar a rotina doméstica, trabalhista, educacional e de cuidado com os filhos. A escuta dos trabalhadores que estão atuando na linha de frente na saúde, de modo intenso, versou os enfrentamentos diários atravessados pelo medo do contágio, preocupação com os familiares, dificuldade de concentração, insegurança, preconceito social e perda de alguns recursos mediadores do sofrimento em decorrência do isolamento social. Para as pessoas que vivenciaram a contaminação por COVID-19, os relatos dimensionaram que as ressonâncias psicológicas assumiram uma carga ainda mais intensa do que os efeitos corporais da doença.

Pela perspectiva social, como expressões adjacentes ao medo e ao estresse, as manifestações de preconceito e violência acentuam o modo como o Outro é facilmente tomado como alvo das pulsões agressivas, principalmente quando passa a ser representado como a ameaça que revela as nossas próprias fragilidades.

A experiência psicanalítica compõe os alicerces para a pesquisa, aprovendo os eixos norteadores para o registro teórico. Leva-se em consideração não apenas a repetição dos discursos, mas também as afetações que demarcam a dialética entre teoria e registros para a construção desta pesquisa.

Esse percurso investigativo requer que se estabeleça no primeiro capítulo, “Ressonâncias contemporâneas” a contextualização da cena moderna, em relação aos aspectos dialéticos que demarcam as reverberações do sistema capitalista na constituição da subjetividade.

No segundo capítulo “Configurações familiares e articulações do feminino”, mapeio as conceituações da família, de forma a delinear a tessitura de definições e redefinições da identidade feminina ao longo da história. Nesta mesma perspectiva, abordo a diversificação da maternidade, esboçando o modo como a revogação de hierarquias e posicionamentos femininos afetam os papéis parentais, a relação entre os sexos e a tríade pai-mãe-filho. Para isso, retomo as articulações teóricas que conjugam a maternidade e a feminilidade de Freud a Lacan.

O terceiro capítulo, “Corpo e psicanálise: a incorporação da linguagem na carne”, retrata o interesse singular de investigação do corpo pelo viés da psicanálise, ancorando nas leituras de Freud e Lacan, e nas interpretações traçadas por Birman e Viana. Com isso, evocam-se pressupostos da primeira a segunda tópica da teoria da pulsão nomeada por Freud; ao passo que são destacados os tempos de subjetivação explanados por Lacan na definição do estágio do espelho e da separação, elucidando ainda, acerca do corpo real, imaginário e simbólico transcrito pelo autor. Retrato a protagonização do corpo como espaço crucial em que o mal-estar se denuncia como queixa, em perspectiva da violência que caracteriza a dinâmica relacional na atualidade, a partir do campo de anulação da alteridade.

O quarto capítulo “Os caminhos da pesquisa e a construção da narrativa”, expressa a metodologia deste trabalho, que, em perspectiva psicanalítica, se ampara na interpretação. Na interface da psicanálise enquanto método de investigação e técnica de tratamento, o caso clínico configura-se como dispositivo relevante para compor as balizas do enigma da pesquisa. A opção por esta modalidade de estudo se justifica pela possibilidade de aprofundamento na abordagem e discussão dos traços reais que emergem da clínica, em paralelo ao arcabouço teórico da psicanálise.

No presente trabalho, a escolha e a definição do caso único são bordejadas em contexto clínico, quando acolho uma mulher que procura pelo atendimento psicológico para a filha, de seis anos. O recobrimento da demanda de análise para a filha logo se esclarece, quando em articulação discursiva, a angústia da mãe emerge e é nomeada.

Sou capturada no caso pelas dinâmicas afetivas e sintomas que são expressos, fazendo saltar as representações simbólicas do corpo, a enunciação do traumático pela via da violência, e os enlaces afetivos contemporâneos que a fazem revisitar, se não repetir, reverberações sintomáticas da angústia que compõe a própria história.

De tal modo, o quinto capítulo expressa a análise do caso que norteia a pesquisa, em que se pronunciam os saltos sintomáticos e apontam os recortes discursivos da trama da análise, sinalizando os noticiamentos do corpo e o gozo feminino como acontecimento de corpo. Ainda, as reverberações do excesso pelo viés da cultura capitalista, a tortuosa apropriação da maternagem entre enlaces transgeracionais, as escolhas vinculativas e as dimensões da devastação são aspectos que fazem relevo.

A tessitura conclusiva é abordada como possibilidade de leitura e potência terapêutica da psicanálise frente aos sintomas contemporâneos. Nesta perspectiva, ressalta-se a sustentação do programa do sujeito do inconsciente, que corresponde a bancar a resistência no campo social, ao programa do discurso psicanalista. É nessa aposta da via da resistência, de

suster a posição política na evocação dos discursos que nos afetam e das condições de vida que marcam nosso tempo, que me coloco no desassossego da pesquisa, acreditando na potencialidade da implicação do laço, especialmente o laço feminino que remete ao conceito de sororidade.

Capítulo 1. Ressonâncias contemporâneas

1.1 - Subjetividade na contemporaneidade

O percurso investigativo deste trabalho leva à tessitura de cartografias teóricas neste capítulo, com o objetivo de elucidar as movimentações do sujeito no contexto sócio-político-libidinal ao qual está inserido. A psicanálise, desde seus primórdios, ocupou-se em compreender as reverberações da cultura, atenta as transformações históricas e aos impasses do sujeito frente às mazelas da vida em sociedade.

Freud (1930/1936) postula que a idealização da felicidade, que nos é imposta pelo princípio do prazer, ainda que seja irrealizável, não nos impede dos esforços para nos tornarmos menos distantes de sua realização. De tal modo, diferentes caminhos são construídos para atingir esta meta, seja no sentido de priorizar o conteúdo positivo, a obtenção de prazer, ou o negativo, evitar o desprazer. Ao interrogar-se por que o ideal de felicidade permanece tão distante, o autor indica três fontes originárias do sofrimento humano: a fragilidade do nosso corpo, a prepotência da natureza e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos, na família, no Estado e na sociedade.

O sujeito, por constituição, é atravessado por estes acontecimentos do mundo que o cerca, da ciência que o define, da política que o comanda, da arte que o atinge, da cultura que o afeta e o produz, do corpo que nele pulsa, da palavra que o representa. O lugar do Outro

permanece como edifício dos significantes, articulados por cadeias que dialeticamente provocam e causam efeitos no real. Não obstante, ainda que o lugar do Outro seja fundamentado pelo endereçamento ao qual o sujeito dirige suas questões, a língua é viva e está em constante construção e modificação, movimentando os discursos dominantes da cultura e reverberando no modo como o sujeito se posiciona frente ao desejo, à lei, ao sexo, castração e angústia (Oliveira, 2016).

Para o autor, ocupar-se destas transformações implica em não apenas denunciar as mazelas da nossa época, tampouco priorizar o retorno pela compreensão da moda antiga de neurotizar e adoecer. Acentua, nesta perspectiva, que é preciso ser menos nostálgico e mais contemporâneo. Sustentados pela lógica do simbólico, que se organiza pela diferença, podemos pensar nosso tempo, distinguindo-o de outros, aderindo-o ao mesmo tempo em que dele nos distanciamos, em constante porvir (Oliveira, 2016).

A cena contemporânea é demarcada pela acentuação dos investimentos capitalistas, a biopolítica da vida regulamentada por processos de medicalização, a projeção narcísica do trabalho como tamponamento da falta, a formatação do desejo pelo imperativo imagético e objetual e a cultura do excesso; feições entre a neurotização e a perversão comum – para além da perspectiva psicopatológica. Assim, a produção da subjetividade, na contemporaneidade, demarca-se no campo do descomedido.

Deparamo-nos com sujeitos cada vez mais adoecidos ao corresponder à lógica excessiva do capital. Quando a angústia retorna como resto no corpo, nomeiam-se as psicopatologias do sujeito em crise para que possa corresponder ou retornar a suposta normalidade; e quem mais lucra é a indústria farmacêutica, à medida que representa a oferta de cura imediata para tais males.

A exploração industrial com a promessa de que podemos ser o que queremos e ter o que queremos, elege o corpo como alvo de potência para a promoção do lucro. Atravessados

por uma perversão comum, liberta da condenação social e legal, enraizada em comportamentos que buscam o gozo de modo contínuo, apenas são alternadas as formas de alienação. Tornamo-nos reféns dos nossos desejos a custo da afirmação do ideal de liberdade. O sistema, ao agenciar a incitação de nossas pulsões, apenas promove algo que internamente já é nosso, sob o efeito de um supereu que busca reassegurar constantemente o imperativo do gozo (Dufour, 2013).

Em leitura a Agamben (2009), Oliveira (2016) destaca o modo como os dispositivos tradicionais do governo, educação e religião priorizavam, através de práticas diversas, a criação de corpos dóceis, mas, sujeitos do seu processo de assujeitamento. Em contrapartida, os dispositivos atuais do capitalismo não priorizam mais a produção de um sujeito, mas agem, em contrapartida, por processos dessubjetivantes. Assim, corpos dóceis cedem espaço a sujeitos espectrais.

Para Žižek (2005), se antes da modernidade havia a oposição entre o consumo moderado e o excesso, a emergência do capitalismo fez com que o consumo de “coisas inúteis” viesse a tornar-se regra, legitimando a forma elementar da compra. O autor recorre ao conceito de “capitalismo cultural” para explicitar a relação entre o objeto e sua imagem símbolo, interpretando-a pela perspectiva do avesso. Neste sentido, a imagem não representa o produto, mas ao invés, o produto representa a imagem. Tal inversão é intensificada quando a associação secundária se evidencia como o ponto de referência mais relevante: o que testemunhamos no capitalismo pós-moderno é a mercadificação literal de nossa experiência. Assim, compramos cada vez menos objetos materiais, e cada vez mais experiências de vida – experiências de alimentação, sexo, consumo cultural, comunicação, estilo de vida.

À medida que nos fixamos boa parte do tempo em ambientes sintéticos, a vida torna-se mercadoria. Fabricam-na para nós e compramos, transformando-nos em consumidores de nossas próprias vidas. Compra-se o preparo físico, frequentando a academia; adquire-se a

iluminação espiritual ao se matricular em cursos de meditação transcendental; conquista-se a persona pública, ao buscar restaurantes frequentados por pessoas as quais se deseja estar associado (Žižek, 2005).

Se pensarmos que o sintoma representa a relação que o sujeito estabelece com a própria história, com a linguagem e especificamente com o laço social, quais seriam os impasses de tais representações no modo como o sujeito articula-se em relação ao seu sintoma e ao mal-estar contemporâneo?

Entre o sintoma e o mal-estar, ecoam-se os restos e as resistências das simbolizações que inventamos, e a experiência analítica testemunha a demanda de tessitura da narrativa, na possibilidade singular de nomeação da experiência de sofrimento. No entanto, como acentua Oliveira (2016), os sintomas contemporâneos são marcados mais pelo real do que pela demanda de interpretação de conteúdo simbólico, representando uma vertente distinta do sintoma enquanto mensagem cifrada.

O encontro com o caso que baliza esta pesquisa representa uma versão contemporânea do sofrimento, que, pela via transferencial, reflete um modo de endereçamento que não perpassa pela demanda de análise - ancorada pelo suposto saber que seria passível de decifrar a angústia - mas, pela malhagem vinculativa tramada na pactuação proposta por ela: “uma mão lava a outra”; no sentido de que poderia se dispor como objeto da pesquisa enquanto permuta de sua salvação. Tal mal-estar parece sinalizar uma versão distinta do sintoma, já que a troca a qual pactua, remete a impossibilidade de posicionar-se na troca simbólica.

1.2 - Sujeito e enlaces sociais

As transformações ocorridas no final do século XIX movimentaram, de forma significativa, as concepções e manifestações dos sujeitos em relação aos seus corpos e afetos.

Com a queda de alguns sistemas fundamentais para a constituição do sujeito como a família patriarcal e a religião, a moralização cedeu espaço a um universo de possibilidades do desejo. Assim é que a estrutura familiar abre para a pluralidade, num misto de papéis e funções, e a religião perde espaço de domínio e culpabilização (Dufour, 2013).

Concomitante a estes processos, o advento da Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo promoveram o liberalismo das paixões e pulsões e esse processo foi possível através das condições materiais identificadas por Marx como a acumulação primitiva, uma mão de obra desenraizada e fluxos de capital. De modo dialético, esta possibilidade de que as paixões contidas em sistemas simbólicos poderosos viessem a ser liberadas permitiu, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a entrada no capitalismo. É neste sentido que o capitalismo, na falsa oferta de parecer libertador, à medida que oferece o gozo de modo continuado, trouxe consigo formas inéditas de alienação (Dufour, 2013).

O que parece ser representado como liberdade, neste sentido, à medida que simula a amplificação dos modos de satisfação do desejo, apenas recria e atualiza o mal-estar inerente ao processo civilizatório. Birman (2001), ao resgatar a interface Freudiana entre a psicanálise e a cultura, apresenta considerações relevantes acerca das novas modalidades de inscrição das subjetividades na contemporaneidade. Em interpretação do texto “O mal-estar na civilização” Freud (1930/1936), destaca o desamparo inerente à condição trágica do sujeito moderno, o autor reflete acerca de tais estatutos.

Para Birman, a pós-modernidade traz à tona a falência dos projetos sociais de superação do mal-estar, levando a ruína do sujeito epistêmico em detrimento da ameaça de aniquilamento do relativismo cultural e apagamento subjetivo. A fragmentação da subjetividade, nesta perspectiva, ecoa os efeitos do exibicionismo, auto-centramento e esvaziamento das trocas subjetivas, protagonizando a dimensão estética, fundamentada pelo culto ao espetáculo (Birman, 2001).

Ao retomar Lacan (1992/1969-1970), Oliveira (2016) acentua que o discurso dominante da sociedade se demarca por uma nova dinâmica. Se antes o discurso do mestre capturava o sujeito ao mesmo tempo em que ordenava o resto da cadeia significante, ou seja, assujeitava-o ao mesmo passo que o subjetivava, na cena atual, há o predomínio do discurso do capitalismo. Nele, ao invés de se dirigir ao campo do Outro por meio do mecanismo histórico de demandar e confrontar o mestre, o sujeito volta-se – em seu próprio campo – ao significante mestre de nossa época: o Capital. De tal modo, o sujeito se dirige não mais à sociedade, mas ao dinheiro, representado como a verdade do discurso do capitalismo. O capital, por sua vez, sustenta e determina o campo do Outro no discurso científico. Assim, afrouxam-se as possibilidades de estabelecimento do laço com o pequeno outro, semelhante, e até mesmo com o grande Outro, a sociedade.

Em seu artigo “Laço social: uma ilusão frente ao desamparo”, Ceccarelli (2009), delinea a interface entre o desenvolvimento cultural e os conflitos constitutivos do Eu, amparado pela leitura freudiana, para sustentar a hipótese de que o laço social simboliza uma construção humana para fazer frente ao desamparo. As três fases da evolução do pensamento da humanidade – a anímica, a religiosa e a científica – poderiam ser situadas como tentativas de supressão a falta de satisfação dos desejos humanos, mediadas imaginariamente via produção de investimentos libidinais. Nesta perspectiva, a utopia figura a esperança de enlace com o paraíso perdido, a saber, a experiência mítica infantil.

Se na fase anímica ocorre a projeção das moções pulsionais e afetos inconscientes no mundo exterior, transformando-os em forças supraterrrestres, há algo que escapa a ambivalente regulação da dinâmica pulsional, movimentando uma nova fase: a religiosa. Como recurso de elaboração secundária, a projeção na figura onipotente: um mestre, um Deus, ou uma instituição, são inscritos por registros análogos as marcas das figuras parentais. Toda e qualquer possibilidade de destruir, ou mesmo de questionar esta visão de mundo é

simbolizada como ameaça, sentida pelo sujeito como um ataque direto à organização narcísica, já que coloca em risco o controle pulsional. As perseguições, atentados e guerras emergentes desde sempre na história ilustram as forças psíquicas tirânicas empreendidas para que a ilusão seja mantida e o sagrado permaneça inabalável (Ceccarelli, 2009).

A fase científica foi elaborada por Freud como possibilidade de superação da onipotência narcísica humana; no entanto, veio a explicar que a evolução da humanidade, fertilizada a partir das aquisições, aprimoramentos e transmissões do capital filogenético não garantiria a evolução psíquica. Os processos constitutivos do eu, associados aos conflitos intra e extrapsíquicos – interesses pessoais contra os do grupo, reivindicações narcísicas, risco de perder o objeto de satisfação – retroalimentam o circuito de compulsão a repetição, fazendo com que as demandas e vicissitudes pulsionais resistam as movimentações históricas. De tal modo, a desilusão situa-se como desvelamento da ineficácia dos artifícios empreendidos para lidarmos com o desamparo (Ceccarelli, 2009).

Tal mecanismo de resistência à evolução humana – a compulsão à repetição – é delineado por Freud (1920/1996) no texto “Além do princípio do prazer”, como fenômeno observado no comportamento das crianças e no tratamento psicanalítico. Articulada a natureza mais íntima dos instintos, a repetição viria a desprezar a unicidade do princípio do prazer. Nesta perspectiva, o autor elaborou a tese de que não apenas o princípio do prazer seria substituído pelo princípio da realidade, na proposição de adiamento da satisfação, mas haveria algo na economia pulsional mais além destes processos, inerente a vida orgânica e com o objetivo de retornar ao estado inanimado das coisas. Apresenta assim, a dicotomia entre Eros e os instintos de morte que viria a assumir a plena elaboração em “O ego e o id” (1923/1990).

Refletindo acerca da manutenção das ilusões e dos mecanismos de repetição que resistem às movimentações e conquistas históricas, evidencia-se o modo como às

ressonâncias contemporâneas demarcam a um só tempo, a pluralização de processos identificatórios e modos de subjetivação – como pode ser visualizado nos emergentes movimentos de representatividade LGBTQ, expressões artísticas e culturais, conquistas jurídicas de legitimação dos diferentes estilos de ser família nos processos de afiliação – ao mesmo passo em que o outro, anabolizado pela diferença, torna-se facilmente alvo das pulsões agressivas, justamente por ameaçar revelar o desamparo que as crenças ilusórias encobrem.

A conjuntura política brasileira evidencia a disseminação de discursos que legitimam idealizações promissivas a restabelecer o status quo da ordem e progresso. Ancorados pela ressuscitação do ideal do pai - seja o Deus punitivo, seja o elemento formador do superego - sustentam a tentativa de reconstrução das ilusões que se esfacelam na dinâmica social.

Se a representatividade do poder institucional do estado atravessa os atores sociais, seja no dimensionamento do legislativo, seja nos modos de produção de subjetividades, já que autoriza certos mecanismos de expressão em detrimento de outros, quais seriam os efeitos da atual composição política no laço social?

Estaria o estado representando o interesse de amplas e diversas coletividades, ou apenas movimentando engrenagens de manutenção de um regime que evoca o primado das construções narcísicas e conseqüente retorno as pulsões destrutivas?

Frente ao cenário da pandemia, testemunhamos o discurso do ódio, a incitação à violência, a idealização do armamento e a irresponsabilidade do posicionamento do Estado quanto à preservação da vida. Desdobramentos estes que são sustentados pela mobilização de fantasias arcaicas e forças tirânicas na contraposição da realidade que se apresenta: via evidências científicas, estatísticas e discursos veiculados pela imprensa. Em uma realidade paralela, já que não condiz com a demanda real do povo, o governo é sustentado sob o semblante de uma figura inabalável que de forma contraditória não consegue sustentar sequer

a nomeação e tenacidade de figuras representativas que poderiam nos socorrer no executivo, através dos ministérios.

Dunker (2020), em matéria veiculada pelo Instituto de Psicologia da USP (Universidade de São Paulo), analisa o modo como a retórica das armas, da guerra e recentemente da conjuntura da pandemia, é expressão tácita de subvertência dos valores de pretensão universal como a justiça, a razão e a vida. A banalização de vidas perdidas associada à lentidão em implementar medidas de assistência aos mais vulneráveis legitima a negação do extermínio, do adoecimento, ou da desproteção. Tais aspectos simulam o movimento da necropolítica que, na contraposição a biopolítica – produtora de monumentos simbólicos para o controle das populações, como os hospitais e escolas – caracteriza o adiamento e a manutenção de situações de desproteção e miséria.

Nesta conjuntura, o arranjo do governo baseado na produção contínua de inimigos imaginários foi impactado pela chegada de um inimigo real, natural e biológico. Para que os poderes impessoais representados em instituições como a imprensa, as universidades e os cientistas fossem destituídos, foi empreendido o método do discurso do negacionismo. É por isso que o negacionismo é adotado como estratégia tão importante deste governo: para enfatizar os processos de transferência da autoridade simbólica das instituições, para a autoridade pessoal de quem desafia (Dunker, 2020).

Esse cenário complexifica-se, pois o imperativo “fique em casa” associa-se à insuficiência de políticas públicas para saúde, educação e assistência social, intensificando a desigualdade de condições para seu cumprimento, e revelando a faceta de corpos marcados pela vulnerabilidade social, o que faz acabar por atualizar a reprodução de atos que acentuam precariedades e violências.

Em texto publicado na página “Psicanálise e Democracia”, Pasinato & Colares (2020), descrevem o modo como historicamente, em situações de extrema ruptura social, emergentes

em crises políticas, econômicas ou sanitárias, homens e mulheres sofrem as consequências que são trazidas por estes contextos – deslocamentos forçados, medo, insegurança, fome, doenças, perda de casa e bens. No caso das mulheres e meninas, cada uma dessas consequências acompanha-se de agravamentos de violências de natureza física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, com os devidos e duros contornos da violência que se forja baseada no gênero.

Na história mundial, são vários os exemplos das maneiras como situações tão extremas se convertem no aumento da violência sobre os corpos e formas de existir das mulheres, como os estupros em tempos de guerra. A guerra da Bósnia, nos anos 1990, teve repercussão com os campos de estupro de mulheres da Sérvia; assim como pudemos testemunhar a violência sexual contra mulheres sírias durante a travessia para países europeus. Nas epidemias como de cólera, ebola, e Zica, a violência sexual contra mulheres também foi usada como maneira de controlar o acesso a comida, medicamentos e tratamentos para as mulheres e seus filhos. Infelizmente, essa lista pode se multiplicar rapidamente com outros exemplos, em distintos tempos e territórios. As autoras ressaltam, desta forma, que a violência de gênero contra mulheres e meninas, como violação de direitos humanos, não se circunscreve a fronteiras territoriais, nem barreiras sociais (Pasinato & Colares, 2020).

Ao longo dos meses de abril, maio e junho de 2020, em uma parceria com o Banco Mundial, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública lançou três notas técnicas, que buscaram compilar estatísticas oficiais das Unidades da Federação sobre o tema. Essas notas identificaram, de maneira sintetizada, que durante o período monitorado houve redução nos registros policiais de lesão corporal dolosa, ameaça, estupro e estupro de vulnerável contra mulheres. Em contraposição, a violência letal – feminicídio e homicídio de mulheres – apresentou crescimento no período, indicando o potencial agravamento dos conflitos (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021).

Embora fosse identificada a redução dos registros policiais para algumas modalidades de violência, destacam-se as dificuldades para realizar as denúncias, provavelmente por dois motivos: em função do maior convívio junto ao agressor e da consequente ampliação da manipulação física e psicológica sobre a vítima; além das dificuldades de acesso e deslocamento a instituições e redes de proteção, que no período passavam por instabilidades, como horários de atendimento reduzidos, diminuição do número de servidores, aumento das demandas, bem como restrições de mobilidade (FBSP, 2021).

Como principais causas para o aumento dos casos de violência doméstica ressaltam-se as restrições às redes institucionais e familiares de apoio à mulher, a diminuição da renda familiar, a ampliação da manipulação do agressor sobre a vítima, aumento dos níveis de estresse e aumento do consumo de álcool experimentado no período (FBSP, 2021).

Mais de um ano após o início da pandemia no Brasil, não se pode perder de vista que o país tem convivido com um quadro perverso que combina distintas formas de violência, associadas aos baixos índices de isolamento social, mesmo com o recrudescimento da pandemia em todo o país e altos níveis de desemprego e perda e/ou diminuição de renda – levando milhões de brasileiros e brasileiras de volta à linha da extrema pobreza. Além disso, o período de permanência maior de crianças dentro de casa, em função do fechamento das escolas, também contribuiu para o aumento da carga doméstica de trabalho, tarefa que é historicamente e socialmente imposta à mulher (FBSP, 2021).

Neste sentido, ressalta-se o modo como situações extremas são convertidas em cenários de violência sobre os corpos e formas de existir das mulheres. As estatísticas de 2021 revelam que uma em cada quatro mulheres brasileiras (24,4%) acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, durante a pandemia de covid-19. Isso significa dizer que cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano. A residência segue como o espaço de maior risco para as

mulheres, já que 48,8% das vítimas relataram que a violência mais grave vivenciada no último ano ocorreu dentro de casa, percentual que vem crescendo. Dados gerais apresentam que 44,9% das mulheres não fizeram nada em relação à agressão mais grave sofrida, 25,1% das mulheres que sofreram violência durante a pandemia destacaram que a perda de emprego e renda e impossibilidade de trabalhar para garantir o próprio sustento são os fatores que mais pesaram para a ocorrência de violência que vivenciaram (FBSP, 2021).

A violência silenciada nos lares, associada a outras condições de violação de direitos humanos, com os intensos contornos da violência que se vê baseada no gênero, nos convoca a repensar se as respostas institucionais ofertadas a essas mulheres são adequadas para o contexto de excepcionalidade que vivemos.

Tal encadeamento discursivo ressoa no vínculo com o Outro via articulação pulsional, e corrobora o fracasso do processo civilizatório, como já constatara Freud em “O Mal-estar na Civilização” (1930/1936). Para o autor, há dificuldades inerentes a cultura que resistem a possíveis tentativas de reforma. Além das tarefas de restrição instintual, para as quais já estamos preparados, estamos sujeitos a vivenciar a “miséria psicológica da massa”. Tal ameaça assola, sobretudo, quando laço social é tramado essencialmente pela identificação dos membros entre si, e as lideranças não adquirem a importância que lhes deveria competir na formação da massa.

Assim, basta analisarmos os crescentes índices de violência, e outros tantos modos de expressão da devastação, para notar que a caixa de pandora se assenta no homem primevo que nos habita.

Como a história do sujeito resiste à linearidade cronológica – já que é traçada por pontos de espessura em que as tramas do vivido se entrecruzam e atualizam a presença do passado – o próximo capítulo retrata os aspectos históricos da constituição da família e das articulações do feminino na dinâmica fundamental de produção de subjetividades.

Capítulo 2. Configurações familiares e articulações do feminino

2.1– Histórias que nos compõem

Este capítulo tem por objetivo mapear as conceituações da família, de forma a elucidar os aspectos históricos que compõem as definições e redefinições dos papéis, da imagem, da identidade e dos códigos sociais que atravessam as significações do feminino na dinâmica do laço social.

Abordar os laços familiares aclara como as transformações na sociedade têm interferido na constituição do sujeito e do laço social, bem como, quais ilusões e formas de expressão do mal-estar são emergentes. Revisitar a família, instituição tradicional de transmissão, permite elucidar o lugar das posições parentais, da sexualidade, da lei e o tipo de transmissão que fundamenta a constituição subjetiva (Rosa, 2016).

Na era pré-moderna, a família constituía-se na missão econômica de conservação dos bens, pelo exercício comum do ofício e ajuda mútua no cotidiano. A função afetiva não se estabelecia como condição e, assim, o conceito de afeto não fundamentava a existência e o equilíbrio da manutenção do vínculo familiar. Na casa, não havia a diferenciação dos cômodos, e os dormitórios não acolhiam somente os membros da família nuclear (Ariès, 1981).

Nas famílias europeias, a afeição passou a ser expressa à medida da concepção da relevância da educação/escolarização dos filhos. A regência da organização familiar em torno da criança, de modo que deixasse de ocupar a posição de anonimato, fez com que fosse necessário limitar a quantidade para a garantia dos cuidados. Essa revolução escolar e sentimental contribuiu para a produção da polarização da vida social no século XIX em torno da família e da profissão (Ariès, 1981).

Como destaca Perrot (2009), o século XVIII apurou a distinção entre o público e o privado. O público desprivatizou-se em certa medida, articulando-se como “coisa” de estado. O privado, tomado anteriormente como insignificante e negativo, revalorizou-se até se transformar em sinônimo de felicidade. Avocara o sentido familiar e espacial que, no entanto, estaria distante de esgotar a diversidade das formas de expressão da sociabilidade. É neste sentido que a vida pública, postulada pela transparência, pretendeu transformar os ânimos e os costumes, criar o homem novo em linguagem, aparência e sentimentos. Na perspectiva de tempo e espaço remodelados, a pedagogia do signo e do gesto passou a ser gerida do exterior para o interior.

Como colônia Portuguesa, o Brasil foi fortemente influenciado pelos movimentos de instrumentalização da família regentes na Europa. Até o século XVII a sociedade colonial se embasava pela desarticulação das grandes famílias patriarcais. Os homens ocupavam-se dos negócios e do campo. Os escravos se encarregavam de cuidar das atividades. A casa, de construção primitiva se constituía no misto de produção, consumo, escuridão e insalubridade. Nela recolhiam-se mulheres (Costa, 1979).

Neste período colonial, a sexualidade feminina submetia-se às leis do estado e da igreja, apoiados pela vigilância dos pais, irmãos, tios e tutores e a coerção dos costumes misóginos que confluía para o mesmo objetivo: inibir a sexualidade da mulher, representante de ameaça ao equilíbrio doméstico, à segurança do laço social e a própria ordem das instituições eclesiásticas e civis (Araújo, 2004).

Para sustentar tais amarras, o adestramento da sexualidade encarnava o emblema da desordem cósmica, da impureza feminina e da perturbação social. Com os sentimentos domesticados e devidamente abafados, o freio aos sentidos e o controle da carne preparava a mulher para tornar-se mãe, com ou sem prazer. Doravante ela se afastara de Eva e aproximava-se de Maria. O saber médico, dominado por homens, logo entrava em cena para

decifrar o mistério da fecundidade e abrandar o brilho do milagre para anunciar a mulher que ela continuaria dependente do saber e do poder masculino. Eles procuravam compreender, catalogar e explicar o que as mulheres improvisavam com naturalidade, apoiadas na experiência ancestral. Mapeavam o corpo feminino para interpretar o funcionamento e os males da vulva, da menstruação, do aleitamento e do útero, evoluindo respectivas prescrições. Era mais uma modalidade de dominação a ser suportada (Araújo, 2004).

Em consonância com tais articulações, Birman (2007) argumenta pela lógica da biopolítica dizendo que, a figura da mulher-mãe assumira a condição de objeto da experiência sacrificial em prol do investimento nos filhos. Condensada na ordem familiar, a libido feminina era consumida pelos cuidados engendrados na filiação. A figura do homem-pai estaria protegida pela inserção no espaço público. O autor retoma a leitura Freudiana em “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos”, para retomar a enunciação de que as mulheres pagaram um preço muito maior do que os homens pelo processo civilizatório (Freud, 1908/1973).

Birman (2007) também acrescenta, em leitura de Freud (1925/1973; 1931/1973; 1932/1936), que a Psicanálise interpretou o nervosismo e a histeria pela via libidinal, de maneira que a insatisfação feminina esteve sempre em causa. Tal insatisfação se intensificou na leitura no masoquismo feminino, marca por excelência da experiência sacrificial. Posteriormente, nos ensaios freudianos sobre a sexualidade feminina, o masoquismo sacrificial assumiu a forma da melancolia.

À revelia das análises morfológicas dedicadas por tratadistas, o corpo feminino ganhava sentidos específicos no cotidiano das populações coloniais, reiterando a posição das mulheres no campo dos saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais inventavam remédios mediadores dos cuidados terapêuticos que administravam. Tais conhecimentos, que confluíam saberes importados da África, com seus talismãs, amuletos e

fetiches; e as cerimônias de cura indígena, amparadas pela intimidade com a flora medicinal brasileira, foram amplamente reprimidos pelo fervor religioso. A perseguição a estas mulheres não era fortuita, pois a naturalidade e a intimidade com que tratavam a doença, a cura, o nascimento e a morte, as tornavam perigosas e malditas. Neste sentido, passaram a representar territórios de resistência para o saber-fazer feminino em relação à própria anatomia (Priore, 2004).

As necessidades de desenvolvimento urbano e do Estado demandaram a normalização da família por meio da higiene, investida pela catexização do amor pela família e pela pátria. Nesta perspectiva, de família colonial à família colonizada, as características do estado burguês foram se desenhando pela lógica dos valores de classe, corpo, raça e individualismo (Costa, 1979).

Para D'Incao (2004), no decorrer do século XIX a sociedade brasileira reconfigurou-se através de uma série de transformações. O incremento da vida urbana, possibilitando novas alternativas de convivência social, a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia, reformularam as vivências familiares e domésticas, demarcando significações para a mulher da família burguesa, fundamentadas pela valorização da maternidade e da intimidade.

Durante o Império foram implementadas diversas políticas higiênicas emblemáticas de novos valores, em uma sociedade ainda baseada na escravidão e na exploração agrária, em viés da delicada tarefa de transposição das ideias europeias nas condições específicas da colônia. De tal modo, toda sorte de expressões manifestas nas relações sociais locais que não fossem consideradas civilizadas, eram suprimidas pela imprensa e proibidas por lei. Neste contexto de modernização da cidade, os arranjos sociais, afetados tanto pela constituição do estado moderno, quanto pelas mudanças da economia, incidiram sobre a dinâmica familiar de modo significativo. Através do movimento de interiorização da família, o que se presenciava

era a dissolução das formas tradicionais de solidariedade, representadas pela vizinhança, grupos clânicos, compadrio e tutela (D’Incao, 2004).

A cena social, composta por contradições profundas da sociedade burguesa e capitalista, também foi tecida pela repressão dos sentimentos, ao passo que as significações do amor foram restritas à idealização da alma e a supressão do corpo. Diante deste panorama, sustentaram-se outras dialéticas: até que ponto a mulher burguesa conseguiu realizar os sonhos prometidos pelo amor romântico, assumindo a realidade de casamentos de interesse, envoltos por ascensão social? Encantadas pela literatura da época, depois de tantas leituras sobre heroínas edulcoradas, depois de tantos suspiros a janela, talvez lhe restasse à rotina da casa, dos filhos, da insensibilidade e do tédio conjugal (D’Incao, 2004).

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, deflagrou-se o movimento de constituição do mercado de trabalho livre. Neste período, o proletariado constituía-se em grande parte, por mulheres e crianças, que representavam mão de obra barata e abundante. Diferentes setores da sociedade – industriais, médicos, higienistas, literatos, jornalistas, feministas, anarquistas, socialistas e comunistas – se articulavam na redefinição da identidade social, sexual e pessoal das mulheres, incorporando ou recusando as imagens projetadas sobre elas (Rago, 2004).

Retomar a vivência de trabalhadoras urbanas no Brasil implica em retratar as condições de pressão e exploração demasiadas, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem qualquer possibilidade de resistência. Perigosas e indesejáveis para os patrões, frágeis e infelizes para os jornalistas, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e degeneradas para médicos e juristas, assumiam a invisibilidade representativa: sem corpo, sem rosto e sem expressão política, a operária foi moldada em processos dessubjetivantes (Rago, 2004).

Apesar do elevado índice de trabalhadoras nos primeiros estabelecimentos fabris brasileiros, deve-se supor que foram progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que os processos de industrialização e incorporação da força masculina foram se consolidando. As barreiras enfrentadas para participação no mundo dos negócios variavam da variação salarial a intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual. Para além do processo de produção, as conotações sociais disseminavam a ideia de que o trabalho da mulher fora do lar poderia destruir a família, tornando os laços familiares frouxos e descentralizando o interesse pelo casamento e pela maternidade (Rago, 2004).

Ainda que tais cenários de opressão viessem a produzir a condição de assujeitamento, nas poucas condições de inscrição da diferença, as trabalhadoras recriaram muitos dos significados impostos no mundo do trabalho através dos movimentos sociais.

Durante o movimento de modernização do Brasil, dentre as várias modalidades e níveis de conflitos emergentes, os segmentos da população que conseguiram se mobilizar e se organizar, ganharam projeção política e espaços de interlocução com o Estado. Neste contexto, as trabalhadoras empreenderam esforços para legitimarem sua cidadania, assumindo-se como porta-vozes da exigência de seus direitos. Vale lembrar que desde a colônia, vozes femininas preconizaram a abolição dos escravos, a instauração da república e a introdução do sufrágio universal (Giulani, 2004).

O crescimento emergente de plataformas de luta foi acompanhado pela inauguração de novas proposições, que articulavam as condições de produção com as modalidades de vida. É assim que ao longo dos anos 80 a imagem social da feminilidade é reelaborada. Difundem-se movimentos que reafirmam o princípio de equidade entre os sexos e são debatidas as modificações na ordem cultural e jurídica, sustentadas pela percepção do confronto entre os valores dominantes e os anseios de mudança que aclaravam o modo como à definição de

papéis, da imagem, da identidade e dos códigos de conduta da mulher seria transitória e cultural (Giulani, 2004).

Estes movimentos legitimaram a importante contribuição feminina no processo de redemocratização, para que fossem promulgadas leis mais coerentes com a efetiva atuação econômica e social da mulher. As reivindicações perpassavam a crítica à política salarial promovida pelo estado, demandas de serviços públicos específicos para a mãe trabalhadora e ações de luta contra a violência, a opressão e a discriminação da mulher. Nesta perspectiva, ao mesmo passo que diferentes esferas foram articuladas – produtivas, reprodutivas e político-sindicais – sem estabelecer nenhuma posição hierárquica predominante, as lutas contra as assimetrias do cotidiano também romperam com a primazia das relações de trabalho sobre as doméstico-familiares (Giulani, 2004).

As histórias que nos compõem ressoam marcas e atualizações de repetidas violências; algumas silenciosas, sem espaço para produção discursiva, outras mais evidentes e mobilizadoras de revoluções. Mulheres adestradas, reprimidas, esgueiradas, a sombra, encarnavam o emblema do profano toda vez que expressassem o sagrado dos próprios processos de criação, já que tais composições audaciosas evidenciavam a pulsão que destoa da norma e carregavam as insígnias do perigo, da suspeita e do desconhecido para o universo masculino.

Perseguidas através dos séculos, entre as fogueiras e torturas, entre as designações e rotulações, no limiar das pequenas frestas de resistência, as mulheres se reinventaram, arriscando assumir seus desejos. Ainda hoje, mudam-se as nomenclaturas, e, no entanto, as bruxas são reatualizadas em mulheres que voam por altitudes libertárias. De modo sutil os laços ainda evidenciam o mesmo medo: mulheres livres.

A psicanálise contribui para o desvelamento do desejo quando ele não é mais estruturado pelo princípio paternalista, o norteador da família edipiana. Com o declínio do

império do pai e o fim das evidências naturais, interessa-nos realçar como o desejo de filho torna-se objeto da exigência feminina, até mesmo na libertação da relação com outro sexo. Tais conceitos serão delineados no capítulo seguinte.

2.2 Feminino e maternidade

A construção deste capítulo é demarcada pelos atravessamentos históricos e sociais que reivindicaram o direito da mulher de assumir posições diversas frente a multiface do desejo, especialmente ao desejo pela maternidade.

Emidio (2008) ressalta que as mudanças no papel da mulher e na construção de sua identidade acontecem em um processo no qual os valores estão atrelados aos papéis, à família, à feminilidade, à masculinidade e às ressonâncias desses contextos. Segundo a autora, este processo é lento, angustiante e não linear em seus aspectos; o passado não é inteiramente deixado para trás, concretiza o presente e deixa as marcas para o futuro.

Para Linaris (2010), diante das conquistas financeiras e da crescente participação política e social, a maioria das mulheres têm adiado o desejo de ter filhos em privilégio das aquisições profissionais, o que confere a elas maior liberdade em relação à condição financeira e a sua valorização enquanto agente social. O lugar que o filho preenchia na vida da mulher passa a concorrer com o forte anseio de sucesso profissional. Em virtude das novas configurações familiares que são permitidas e favorecidas socialmente, como o divórcio e a opção de não se casar, que muitos pais têm assumido, abre-se a possibilidade de um novo posicionamento da mulher nesta conjuntura. Apoiadas pelo desenvolvimento tecnológico e científico, elas passam a ter condições de assumir o controle pela procriação e, conseqüentemente, pela constituição da família, escolhendo ou não pela presença do pai.

Para além de representar o ideal de constituição da família e da prole, as mulheres passaram a legitimar o desejo de se realizarem enquanto singularidades e não apenas como mães. Com efeito, o laço conjugal entre homens e mulheres, bem como os laços homossexuais, somente se sustentariam caso os parceiros mantivessem a condição desejante na conjugalidade. Do contrário, cada um sairia em busca de outros parceiros para articular a demanda do desejo. Por condição desejante na relação conjugal entende-se aqui não apenas o exercício prazeroso do erotismo entre os pares, como também a possibilidade de que cada um ofereça ao outro a expansão da potência de ser e de existir (Birman, 2007).

A obra de Lacan explorou de modo preciso as reverberações da desocultação do princípio feminino, através do resgate da tomada da palavra pelas mulheres na esquematização do desejo. Desde 1938, em “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, o autor constatava sobre o fim da família paternalista e o esfacelamento em certa medida da prevalência do princípio viril e da ocultação do princípio feminino (Alberti & Alvarenga, 2015).

A revogação de hierarquias e diferenciações afeta os papéis parentais, a relação entre os sexos e a tríade pai-mãe-filho. A reprodução, ao se emancipar do embasamento sexual, delinea a dissolução progressiva dos papéis tradicionais de autoridade e dos cuidados (Alberti & Alvarenga, 2015).

Tais transformações afetam a relação entre os sexos, revogam hierarquias e deslocam arranjos familiares, tornando relevante a análise do irreduzível da transmissão simbólica que fundamenta a constituição subjetiva.

Na conjuntura de deslocamentos e conseqüentes reconfigurações familiares, a maternidade e a paternidade são composições de lugares discursivos que abarcam componentes libidinais, sociais e políticos. Tais lugares são instituídos por uma função simbólica, que transcende os familiares, escrevendo a relação no real. Todo este processo é

fundado pelo nascimento de uma criança e tem por efeito a atribuição de lugares discursivos, encarnados como representantes sociais que, por sua vez, garantirão a inserção da criança em posições discursivas, engendrando uma cadeia significativa (Rosa & Lacet, 2012).

Em relação aos componentes libidinais, sociais e políticos que envolvem a constituição das funções parentais, Kehl (2003) esclarece que a condição edípica estruturante da família é demarcada pelo desejo de alguém que assuma a função paterna de transmissão da lei e alguém que se encarregue amorosamente dos cuidados maternos. A partir desta estrutura nomeada família, a criança é capaz de se indagar sobre o desejo que a constituiu – o desejo do Outro – e pode se deparar com o enigma de seu próprio desejo. Tal demarcação seria suficiente para constituir sujeitos orientados pela Lei que interdita o incesto, exigindo de cada um a renúncia a uma parcela do próprio gozo para pertencer à comunidade humana. É neste sentido que a interdição do incesto e a sexuação sintetizam o papel que a família deve empreender na constituição do sujeito.

Nesta perspectiva, não basta existir uma criança para que se institua a parentalidade. Há processos concomitantes que possibilitam à criança, além da vida puramente biológica, a inserção em um contexto político-social-libidinal, resultado da transmissão de uma herança simbólica, imaginariamente atada à transmissão da tradição de uma sociedade. (Rosa & Lacet, 2012).

Em "Duas notas sobre a criança", Lacan (1969) destaca o que é irreduzível de uma transmissão, referindo-se à constituição subjetiva que implica na relação de um desejo que não seja anônimo. Para o autor, a função da mãe carrega em seus cuidados a marca de um interesse particular, ainda que pela via de suas próprias faltas e do pai, na medida em que o mesmo é o vetor da encarnação da Lei no desejo.

Os sintomas contemporâneos da maternidade interrogam o modo como as mudanças emergentes afetam o desejo de ser mãe, na condição de libertação do próprio corpo, já que a

anatomia não é mais o destino. Por meio deste apagamento do corpo, emerge a pluralização da posição materna: a tendência de certa maternização do mundo, a demanda ilimitada de um filho feita à ciência, a maternidade celibatária, o *burn out* das mães, o apagamento do corpo, a homoparentalidade ou o parceiro sintoma, a negação da gravidez, entre outros (Alberti & Alvarenga, 2015).

O debate acerca da função e status da maternidade se amplifica à medida que seu sentido se diversifica, uma vez que à mãe tradicional vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, a mãe adolescente, a mãe de aluguel, o homossexual que materna, a mãe solteira, a mãe pobre, a mãe prisioneira, negra, a mãe genética, entre outras. Embora haja a consciência da diversidade de conjunturas materiais e culturais que remetem à análise dos significados construídos no plano individual e local, acredita-se que algumas questões coincidem. A multiplicidade da mulher está presente na figura da mãe, para quem convergem as dimensões de classe, raça, etnia e sexualidade (Stevens, 2005).

Freud (em Alberti & Alvarenga, 2015), a frente de seu tempo, já se desembaraçou do discurso naturalizante da maternidade, desvelando sobre o que significa para o ser falante ser mãe, e sobre os riscos deste desejo. O autor abordou a subjetividade da maternidade entre o temor e a aspiração. Temor, ao considerar a angústia circunscrita pela gravidez na sexualidade nas mulheres, anteriormente ao controle da fecundação. Aspiração, já que apesar dos perigos, letais em alguns casos, a força do desejo de maternidade se sobressaia. Ser mãe se apresentaria como um destino invejável: encarnar o Outro absoluto da demanda, o Outro desejável e amável, o Outro poderoso e autoritário, despertar e transmitir a linguagem, carregar a criança no próprio corpo (Alberti & Alvarenga, 2015).

Nesta perspectiva, a maternidade seria demarcada como acontecimento de corpo. Seus escritos interrogam a maneira como a linguagem, os sentidos e significantes da maternidade

enquanto representação maior da existência, rejeitam ou sublimam as modificações do corpo durante a gestação (Alberti & Alvarenga, 2015).

Na teoria freudiana, a feminilidade é algo que se constrói, não se constituindo desta forma, como uma característica inata dos humanos que apresentam a anatomia feminina. A partir da disposição bissexual infantil, a menina vivencia o Complexo de Édipo e pode optar por três caminhos para o desenvolvimento de sua sexualidade como resposta a angústia de castração e a inveja do pênis. O primeiro leva a uma renúncia a vida erótica, o segundo, a um apego a masculinidade e o terceiro conduziria a feminilidade. Ao ingressar neste caminho para a feminilidade, a menina buscaria conseguir do pai o que não foi possível alcançar da mãe, o pênis invejado. Porém, na impossibilidade de identificar-se ao pai, o desejo de possuir o pênis seria substituído pelo desejo de ter um bebê. Neste ponto da teoria freudiana, a feminilidade equivale à maternidade e à identificação com o feminino (Linaris, 2010).

Conforme Linaris (2010), Lacan por sua vez, realiza uma análise mais aprofundada a respeito da sexuação. Para o autor, a inscrição do sujeito na função fálica não leva em consideração a diferença entre os sexos. Desta forma, ao justificar que a identidade do sujeito é da ordem do significante, posiciona tanto a feminilidade como a masculinidade como representações do falo. Para a mulher há a possibilidade de dois gozos: o gozo fálico e o gozo Outro e a maternidade poderia ser compreendida assim, enquanto um gozo Outro, que não se reduz ao falo, ainda que a criança ocupe o lugar de falo para a mãe em determinado momento da constituição de sua subjetividade. Este gozo Outro se coloca na relação da mulher com o próprio corpo.

Nesta perspectiva, a via metafórica do amor coloca a criança como falta-a-ser feminina e permite ao imaginário a evocação da significação do falo. A feminilidade é atravessada por diferentes identidades de mãe, filha, mulher; nomes que bordeiam no máximo, a ilusão de que A mulher existe. É na relação com a falta a ser que a mulher se

defronta com o gozo que não perpassa pela mediação fálica, confrontando-a com o ilimitado. Ancorada no lugar que a faz ausente de si mesma, pode encontrar a rolha: a, o filho. A maternidade seria inventada, portanto, como a suplência ao gozo de ser não toda. Eventualmente, no laço com o filho se abriga um gozo sem palavras, como resto da inscrição simbólica que confina a devastação ou ao arrebatamento (Alberti & Alvarenga, 2015).

Esta experiência pode vir a desmanchar os contornos do ser falante, à medida que produz o apagamento das bordas do corpo. Nela, o sugar constante do bebê recai como peso sobre o peito, pendendo para a inconsistência do corpo que não é mais próprio. Neste encadeamento, o vínculo convoca a mulher – enquanto mãe – e o bebê, para o estranhamento que os remeterá ao desencaixe, ao impossível de se rastrear neste “entre”, movimentando a construção da cadência de passos e descompassos (Ciscato, 2019).

Por meio da análise da relação entre o gozo fálico e o gozo Outro, Linaris (2010), aclara o modo como o gozo Outro só pode ser pensado a partir dos limites impostos pela questão fálica. Nesta perspectiva, a autora interroga se com o acesso à realização profissional, sucesso financeiro e da possibilidade de decidir sobre a maternagem como opção, a maternidade ainda convocaria o feminino. Para ela, ainda que as mulheres tenham acesso a estas diversas formas de gozo fálico, tais possibilidades de acesso ao social não definem, porém, que A mulher exista.

A partir da teorização do feminino, realizada por Freud, Lacan e outros autores contemporâneos, Mota & Leal (2007) investigam se a mulher, diante dos recursos que utiliza para fazer do seu corpo o que quiser, tem dimensão dos ganhos e perdas inerentes à situação em que se encontra na contemporaneidade, considerando o circuito pulsional do desejo e a norma fálica que rege homens e mulheres. Para os psicanalistas, é um desassossego o questionamento sobre o feminino, assim como compreendemos que mantê-lo é uma posição ética.

Neste sentido, a ascensão a emergentes posicionamentos sociais, políticos e econômicos não sustenta por si só a demarcação da feminilidade, já que diferentes tipos de gozo interpelam a relação com a falta e com a corporeidade. Esta relação com o corpo é abordada ao longo da teoria psicanalítica em contraste nos enlaces mãe-bebê, sujeito-Outro, psíquico-somático, pela via dos registros: real, imaginário e simbólico. Tais articulações serão detalhadas no capítulo a seguir.

Capítulo 3. Corpo e Psicanálise: a incorporação da linguagem na carne

3.1- Dimensões da corporeidade na teoria psicanalítica

Ainda que a palavra seja abarcada como material privilegiado da análise ao longo da composição da teoria psicanalítica, reverberando a acentuação do registro simbólico, a experiência clínica envereda os impasses com o adoecer do corpo, amplificando o interesse singular pela investigação dos agenciamentos tecedores da corporeidade.

As ressonâncias do paralelismo psicofísico inauguram, na filosofia de Descartes, o caráter incorpóreo da mente na doutrina cartesiana. Ao duvidar das coisas sensíveis, uma vez que os sentidos podem errar, as manifestações do corpo são deixadas de lado em função do racionalismo metodológico.

Como destacam Alberti & Ribeiro (2004), Descartes não eliminou a dimensão imaginária do corpo, mas negou a legitimidade do corpo em sua natureza. Todavia, o corpo retornou na teoria Freudiana, em toda sua vasta obra, sob as mais diversas designações: como fator constitucional na etiologia da neurose, no delineamento das zonas erógenas, na concepção da criança perverso-polimorfa, no masoquismo primordial, no narcisismo do eu e satisfação auto-erótica, na complacência somática, na pulsão e sua fonte somática, na língua do órgão na esquizofrenia, como linguagem e objeto mecânico do corpo, assim como não é constituído por meio da união dispersa de imagens das coisas, mas representa corpo e universo das coisas através de lógica específica.

Viana (2004) acentua que, ao debruçar o olhar sobre o corpo histórico, passando a escutá-lo por meio do discurso, Freud acessou o conflito sexual, os impasses do prazer e as fantasias inconscientes implicadas na constituição psíquica da histeria. Nesta perspectiva, é através da histeria que a sexualidade se configura como estatuto primordial para a psicanálise,

e a cena do inconsciente se desvela, fazendo emergir composições inaugurais no campo do saber. O corpo histórico despertou em Freud a inovação psicanalítica justamente pelo interesse peculiar na escuta, para além da complexidade de olhá-lo e tateá-lo. Corpo este, tramado pela linguagem, desejo e sexualidade, arrancando-o das amarras biológicas que cravavam a sua verdade nos confins anátomo-fisiológicos.

É a partir da formulação da satisfação auto-erótica que Freud (1905/1980) inaugura a conceituação das pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. Na primeira tópica da teoria pulsional, destaca a pulsão sexual, mediatizada pela energia da libido e regida pela economia do princípio do prazer; e reflete acerca das pulsões de autopreservação, cujo objetivo é voltado a preservação do indivíduo.

O autor articula a pulsão como representante psíquico de fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com o estímulo que vem de excitações externas. De tal modo, a pulsão é situada entre o somático e o psíquico, estruturada por quatro componentes fundamentais: fonte, pressão, finalidade e objeto. A fonte somática, mobilizada pelo processo de excitação que ocorre no corpo, exerce pressão no interior do organismo em função do acúmulo da excitação; com a finalidade de descarga da tensão. O objeto da pulsão, delimitado de modo contingencial, é inscrito sob o traço da fantasia e do desejo, configurando aquilo que, ou através de que, a pulsão pode atingir seu alvo Freud (1905/1980).

Como demarca Viana (2004), as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de autoconservação, já que as zonas erógenas constituem-se por meio do substrato orgânico. Paulatinamente estas pulsões vão se dissipando de forma autônoma e elevam a edificação da sexualidade e do corpo erógeno. É assim que o registro do desejo é instaurado, sobressaindo ao traço da necessidade, e a anatomia é regida pelo pulsional. Em (1911), no texto *“Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental”*, Freud esclarece que a pulsão sexual é regida pelo princípio do prazer, localizando a satisfação em um objeto

fantasmático, enquanto que as pulsões do eu são geridas pelo princípio de realidade, necessitando, portanto, de um objeto real para sua satisfação.

Para Birman (1997), o corpo alude à economia de satisfações e insatisfações que transcendem o registro somático, de modo a se circunscrever o campo do outro e dos objetos. Para o autor, o discurso Freudiano revela que o corpo não está na origem, mas é um dos destinos das pulsões, regulamentado pelo sistema de satisfação.

No texto “Sobre o Narcisismo: Uma introdução” (1914/1996), Freud aborda a operação do ego a partir da teoria da libido. No autoerotismo as pulsões parciais são assim chamadas por se satisfazerem no próprio corpo da criança e, dessa forma, o prazer localiza-se nas zonas erógenas como bordas e orifícios corporais, sendo as fontes das pulsões. Neste momento há a vivência de um corpo fragmentado em que não há diferenciação entre o eu e o outro, sendo necessário que uma nova ação psíquica seja adicionada ao autoerotismo com a finalidade de provocar o narcisismo. Para isso, é preciso que o outro nomeie e articule as necessidades da criança, unificando a imagem do corpo ao narcisismo.

O enunciado Freudiano trata justamente desta relação intersubjetiva baseada no sentido em que a linguagem se constitui enquanto condição de viabilidade da produção singular do corpo e do sujeito do inconsciente (Viana, 2004).

Tal articulação é ligada ao processo que Lacan (1949/1998), nomeia como “estádio de espelho”. Como o bebê nos primeiros anos de vida não está provido de algo que garanta o domínio das grandes quantidades de excitação que lhe cheguem interna e externamente, sendo marcado por uma insuficiência para antecipação, é necessário que venha a se articular a partir da lógica da alienação ao desejo do Outro. É assim que o estágio do espelho se estrutura como o primeiro tempo de emergência do sujeito, através do qual o bebê desloca do estado de ser para a constituição da subjetividade, tornando possível recolher a imagem psíquica de si mesmo a partir da imagem que o Outro primordial lhe oferece. Esse outro oferece marcas ao

bebê a partir dos contatos corporais primordiais como a amamentação, o toque, o olhar, transmitindo-lhe um código discursivo do qual poderá valer-se, num momento posterior.

É assim que a criança assume por identificação a unidade de seu corpo, que até então era indiferenciado do corpo da mãe e do mundo externo. O estágio do espelho constrói para o sujeito a identidade alienante que marcará todo o desenvolvimento psíquico.

A partir do que Lacan define como separação (1959/1960 [1988]) é que há o deslocamento das marcas maternas e a possibilidade da impressão de outras marcas como, por exemplo, a paterna. Aqui se torna evidente que há falta no nível da relação mãe-criança, abrindo frestas para a passagem do autoerotismo, em que as pulsões atuam de forma dispersa, ao narcisismo. Caberá ao sujeito se alojar em uma cadeia significativa, articulada às trocas humanas que compõem o suporte fundamental da função simbólica, para que possa ocupar um lugar discursivo.

Com a inscrição corporal, arranja-se a carne. A substância corporal é disposta para que nela se inscrevam as palavras. De tal modo, aos desejos naturais sobrepuseram-se fragmentos de cenas e de sons, posteriormente ordenados pelo registro simbólico; que, por um lado, permitiu a nomeação dos apelos físicos, mas, por outro, impôs à questão da satisfação humana a complexidade quase insondável (Júnior, 2016).

A noção de carne traz a marca do signo. Se um signo é aquilo que representa algo para alguém (Lacan, 1961-1962 [2003], pp. 63.), constata-se que ele está no lugar de algo que não se faz presente, bem como configura o estabelecimento do laço. Portanto, a marca corporal tem essa dupla finalidade: presentificar uma ausência e, ao mesmo tempo, endereçá-la a alguém, que é o próprio sujeito; pela carne o sujeito enlaça a si mesmo, o Outro se corporifica. Neste sentido, a associação dos fragmentos sonoros entre si, e deles e com as vivências corporais às quais se vinculam, determina a complexa lógica segundo a qual cada ato e decisão do sujeito conectam-se ao gozo (Júnior, 2016).

Conforme Ramirez (2016, p. 191), “J. Lacan inventou o termo ‘lalíngua’ para tornar palpável o modo como a carne é tatuada pelo verbo muito antes que ela se estruture gramaticalmente como linguagem”. Júnior (2016) complementa que a carne é o corpo enquanto substância gozante, isto é, o corpo empenhado em suprir um sentido que o falante não consegue reconhecer e que o coloca em uma busca inquieta. Nessa dinâmica, o gozo, à deriva da linguagem, reincide no corpo em movimento interminável.

A segunda tópica da teoria pulsional, representa o aprofundamento Freudiano ao que não se demarca como inscrição representacional. No texto de (1915/1996), “*Pulsões e suas vicissitudes*”, o autor aclara acerca do campo limítrofe e intervalar entre a força pulsional e a representação. E em “*Para além do princípio do prazer*” (1920/1996) ao se deparar com o fenômeno da compulsão a repetição, introduz o conceito de pulsão de morte.

Viana (2004) explicita que a pulsão de morte remete ao excesso pulsional aquém da representação, irrompendo no aparelho psíquico como inscrição traumática. Diante dessa invasão da força pulsional, o psiquismo passa a dimensionar a tarefa prévia ao acionamento do princípio do prazer, que consiste em uma primeira ligação dessa quantidade de energia, para só então, tornar possível a catexização. Novamente a ambivalência é demarcada entre o sexual – posteriormente aglutinado à pulsão do eu – sob a rubrica das pulsões de vida, e o não sexual, concebido como pulsão de morte. Esta dualidade demarca a demanda de Eros propiciar as ligações necessárias para fazer frente a tendência originária à morte.

O corpo veio a ser elucidado por Lacan pela via do simbólico, e o sintoma seria o responsável por dar corpo ao ser falante, na perspectiva de que o corpo, enquanto organismo, é estranho ao sujeito e só pode ser vivificado por meio da língua materna. O corpo narcísico, nomeado e unificado através do outro, é destacado por Lacan em torno do registro imaginário, no atravessamento do fascínio de imagem que organiza o eu e do contorno de significantes advindos do campo do outro. O corpo real, em consonância com o corpo pulsional, traz à tona

o corpo da substância gozante, que conjuga a carne e a língua pela insistência de uma letra de gozo. Neste sentido, a experiência do corpo abarca a composição de imagem, de significante e de substância gozante, dito de outra forma, da condição imaginária, simbólica e real do corpo, fazendo com que não seja possível abordá-lo de forma unívoca, mas apenas pela via do sintoma. (Zucchi, 2014).

Como corpo atravessado pela linguagem, o corpo da psicanálise é abarcado enquanto representacional. Neste sentido, o sujeito só tem acesso a seu corpo através de uma série de ações que são efetivadas pelo simbólico, via articulação significante. É assim que o corpo simbólico faz com que o corpo real nele se incorpore (Ferreira & Paravidini, 2019).

No próximo capítulo, aprofundo a reflexão da protagonização do corpo como espaço essencial de denúncia dos sintomas emergentes no laço social, mobilizado pela ética da violência que se acentua como significante sistêmico na atualidade.

3.2 Corpo e violência: tessituras do mal-estar feminino na atualidade

Ao longo da história, as leis sociais e preceitos religiosos são proclamados na tentativa de dar conta, ou pelo menos amenizar, a força dos instintos humanos de destruição. Em (1932), Freud disserta em resposta ao questionamento de Einstein acerca das possibilidades de livrar a humanidade da guerra, carta que viria a ser intitulada: “Por que a guerra?”. Estabelecendo a interface entre o direito e o poder, acentua o modo como o direito edificou-se pelos pilares da violência, já que planeia o poder da comunidade em oposição à violência de um indivíduo. Para o autor, o direito é violência, na medida em que está pronto a voltar-se contra todo indivíduo que a ele se oponha, trabalhando com meios idênticos e perseguindo os mesmos fins. Para isso, as leis são dispostas a cuidar da execução de atos de violência

legítimos, considerando ainda que são feitas para os que dominam, reservando poucos direitos para os dominados.

Neves, Santos & Mariz (2017), realizam uma análise interessante acerca da leitura psicanalítica de Slavoj Žižek, ampliando a reflexão acerca da violência sistêmica emergente da lógica do capital, localizada sob o semblante ilusório do laço social pacífico, como se houvesse uma ordem social sem fissuras. Nesta abordagem, seria impossível localizar a violência em direção unívoca a um indivíduo e suas más intenções contra a ordem jurídica, política ou moral.

A violência, em sua extensão, simula a imposição de uma falsa liberdade. O pacto simbólico, que supostamente asseguraria a devida distância da violência arcaica, é veiculado de forma paradoxal: ora o pacto renúncia ao gozo, ora induz à democratização do mais gozar. Daí a denegação fetichista deste real violento da linguagem: vivenciamos a contemporaneidade de modo provisório e sabemos que a natureza humana está continuamente sendo alterada pelo caráter contingente das novas descobertas biogenéticas - fazendo com que a significação daquilo que somos seja vacilante e histórica - mas ainda assim acreditamos que somos livres (Neves, Santos & Mariz, 2017).

Os autores elucidam, ainda, a violência simbólica encarnada na linguagem, visto que representa a imposição de um universo de sentido precedente. Assim, o real da linguagem é conjecturado pelo fato de que ela, em sua essência, não significa nada, não representa a si mesma, mas apenas o endereçamento significante do sujeito.

Birman (2001) analisa a ética da violência que caracteriza o mal-estar na atualidade a partir do campo de anulação da alteridade e apropriação do Outro como objeto de predação e gozo. Neste sentido, as manifestações psicopatológicas contemporâneas, incluindo as representações psicossomáticas e da imagem corporal, se arranjam a partir do estatuto de sintomas do tecido social, constituintes do imperativo de reconhecimento imaginário, via

ilusão da completude e da exigência performática do consumo, significantes da fetichização do Outro.

Em seu artigo “Laços e desenlaces na contemporaneidade”, o autor enfatiza que a agressividade e a violência são disseminadas como rastro explosivo, de modo que a sensibilidade crescente toma conta dos sujeitos de “fio a pavio”. Por isso mesmo, o corpo é projetado como espaço crucial em que o mal-estar se denuncia como queixa, evidenciando de maneira imponente que algo não vai bem (Birman, 2007).

Para Mourão (2016), a subjetividade da época, atravessada pelo individualismo de massa, coloca em relevo a agitação do real, irrompendo com diversos usos devastadores do corpo. A violência, em sua essência se distânciada da palavra, evidenciando contornos do imperativo de gozo, ódio, amor, hostilidade, pulsão destrutiva, sadismo, masoquismo, passagem ao ato, objeto patológico e gozo.

Mais além do Édipo e das identificações, na era do consumo massificado, o vínculo com o outro sexo pode ser balizado pela adição, fazendo com que o parceiro ocupe o lugar de objeto de consumo. Trata-se, desta forma, de uma modalidade de parceiro-devastação na qual, diante da ausência do objeto retoma-se aos aspectos destrutivos, aprovisionando reações de fúria ou cólera (Mourão, 2016).

Lacan (1974/2003) abordou a devastação como experiência subjetiva emergente na relação entre a mãe e a filha, determinante de outros destinos na relação com o próprio corpo e com o parceiro amoroso. Nesta perspectiva, o autor situa a devastação no campo do desejo do Outro primordial. A filha interpreta a fantasia que atravessa o desejo materno, buscando identificar-se com o lugar de objeto agalmático, isto é, *objeto a*. Ao realizar a travessia pelo Complexo de Édipo, tal posição é abandonada no desejo do Outro materno, fazendo com que o pai seja o Outro que representará a inviabilidade de a mãe significá-la como mulher, já que ela mesma abarca a falta fálica. Se a mãe não é dividida pelo gozo fálico de um homem, a

filha permanece como objeto de gozo, representando para mãe um fetiche ou um dejetivo. Fetiche quando se torna o refém fálico da mãe e dejetivo quando a mãe nada se ocupa da criança.

A mãe, que se constitui como uma devastação para filha, não tornou possível a regulação da função simbólica, mediada pela impressão do revestimento imaginário suficiente para ser apenas objeto de fantasia do desejo materno. Impossibilitada de produzir o significante da falta, aliena uma relação que não abre frestas para a vivência da separação e da perda (Naves, 2014).

Para Brousse (2004), é criado, desta forma, o equívoco do nome que possui ou deveria possuir e, na incerteza identificatória, o lugar de objeto do Outro confere tal nomeação em caráter devastador. Nas palavras da autora:

o sujeito é despossuído de seu lugar. Esse lugar que não existe mais pode ser declinado como fala, o sujeito sendo então reduzido ao 'silêncio'; como corpo, o sujeito não passa de um 'corpo em excesso', ou uma carne desfalicizada que é um 'buraco negro'; como errância, fenômeno de despersonalização, de auto-eliminação (p.68).

Para algumas mulheres, não ter tido a possibilidade de vivenciar a relação materna de modo a instalar o significante do desejo pode levá-las à embaraçosa escolha do objeto amoroso: o embate com o Outro real sem limite reedita insistentemente os traços da relação primitiva, sustentando a posição de mais gozar na fantasia do homem. Em outras palavras, a falha na identificação imaginária remete à falha narcísica que provoca a deflação do eu e na falta de um Outro que possa balizar a condição de sujeito, a relação com o outro só pode ser enlaçada na condição de servidão (Naves, 2014).

Parceiros devastadores permitem reencenar o implacável mal-estar, que coloca em ato o excesso que se fez impossível de ser transformado em sintoma, marcando o corpo pelo gozo devastador e culminando no paulatino processo de perda subjetiva. Tais experiências incidem como acontecimentos traumáticos que não possibilitam a construção do nome próprio,

arrebatando a uma posição de fixação na relação organizada para além do desejo em viés da manutenção do gozo que não se significa (Naves, 2014).

Em relação ao processo de destituição subjetiva que é instalado pelo significante da devastação, Naves (2014) aponta aspectos relevantes testemunhados na clínica com mulheres em situação de violência. O primeiro deles diz respeito à emergência do corpo marcado por uma excitação pulsional indizível, desvelando a intensidade que resiste a inscrição desejan-te. Outro aspecto visualizado na configuração psíquica destas mulheres é a atualização da presença de um supereu tirânico e implacável. Como indicara Lacan (1957/1999) no seminário “As formações do inconsciente”, por trás do supereu paterno, haveria um supereu materno ainda mais exigente, opressivo, devastador e insistente, categórico do imperativo de gozo. Neste sentido, onde não há a possibilidade de responder ao mandamento simbólico pela via da linguagem, resta responder ao mandamento superegóico absoluto que imprime a palavra de ordem: “Nem uma palavra”. De certo modo, mulheres que se submetem ao jugo de seus agressores, encarnam a voz deste supereu que lhes sentencia a decadência e a impossibilidade de contradizer. Como efeito, figura a culpa com caráter devastador, empreendem sacrifícios e renúncias sem limites, desenvolvem estados melancólicos e, quando em análise, costumam desenvolver reações terapêuticas negativas.

Kehl (2015) (em Souza, 2016) reafirma como essa dimensão do feminino que cifra toda possibilidade de representação está para todo ser falante, não se reduzindo a identidade sexual ou de gênero. Para a autora, é neste ponto de enigma, do qual o sujeito goza, que a clínica psicanalítica pode inventar o que se faz a partir disso, não para desvendá-lo, o que seria equivalente a almejar suprimir seu mistério, mas para traçar direções que se articulem ao lado criativo que o irrepresentável suscita. Como alternativa ao extravio, a perda de sentidos e significados, o sujeito é convocado a inventar. Tal perspectiva seria compatível com a ampliação dos novos destinos pulsionais para as mulheres pós-freudianas.

No próximo capítulo apresento a metodologia deste trabalho, ancorada na teoria psicanalítica. Através do método psicanalítico, compõem-se os registros que acentuam as composições sintomáticas, aprovisionando os eixos norteadores da construção do caso na narrativa em perspectiva transferencial.

Capítulo 4. Metodologia

4.1 - Os caminhos da pesquisa e a composição da narrativa

O método psicanalítico - recurso metodológico que embasa a construção desse projeto - é o mecanismo de produção fundante da análise interpretativa. Distante de sentenças reveladoras, declaradas pelo psicanalista, as interpretações são ressaltadas como acúmulo, construção. São pequenos insights que induzem ao processo de ruptura de campo, permitindo a rescisão de estruturas paralisantes e a emergência de novos possíveis, por meio da instalação de novos campos que garantam a transformação psíquica (Tralli, 2012).

Para Poli (2008) a teoria é articulada como metainterpretação, seja nas expressões e elaborações singulares do mal-estar, seja nas construções coletivas. De maneira condizente com o propósito da posição analítica indicada por Lacan, é possível abordar a tarefa, nada simples, de construir uma pequena borda que possibilite a nomeação de um ponto do real que nos é dado testemunhar em nossa experiência.

Na conferência intitulada “A questão de uma *Welanshauung*”, Freud (1933/1996) ressalta uma possível aproximação entre o trabalho científico e o analítico. Neste sentido, considera que o progresso no trabalho científico se assemelha ao que acontece em uma análise. São levantadas conjunturas e formuladas hipóteses, as quais são retiradas quando não se confirmam. As convicções precoces são renunciadas como forma de não negligenciar os fatores esperados e ao fim, é possível alinhar teoria e registros de forma a produzir uma compreensão interna (insight) do fenômeno investigado.

Na cartografia da pesquisa, inicialmente a escrita foi bordejada pelo tema da maternidade, com o viés da relação trabalhista e da ocupação de diferentes posicionamentos sociais pela mulher. No entanto, os caminhos da análise, seja em relação à construção da

narrativa, seja pela insistência da questão do feminino no caso, apontaram o protagonismo do feminino em suas diferentes formas, e assim, a maternidade, de maneira secundária, tornou-se um dos elementos da composição.

Interessa aqui, para além de examinar os enigmas do feminino que se desdobram no real do corpo, aprovisionar a construção da narrativa por meio das reminiscências que o encontro clínico promove, abrindo frestas para a emergência do que há de singular. Neste sentido, desloca-se a discussão de possíveis ideais, para a análise do caso através da ética do desejo.

Na interface da psicanálise enquanto método de investigação e técnica de tratamento, o caso clínico configurou-se como dispositivo relevante para compor as balizas do enigma da pesquisa. A opção por esta modalidade de estudo é justificada pela possibilidade de aprofundamento na abordagem e discussão dos traços reais que emergem da clínica, em paralelo ao arcabouço teórico da psicanálise.

Vorcaro (2010), ao retomar a transmissão do método psicanalítico trilhado por Freud, pontua que o autor decanta a clínica e transmite dela, o caso. Para a autora, o caso não se limita ao paciente, mas refere-se ao encontro que a clínica promove. Neste sentido, o caso clínico delimita um campo cujo método não cessa de significar-se na abordagem do mesmo. Através dele é possível ascender a transmissão, emergente do exercício subjetivo que o ato de relatar o caso faz valer - o método é o relato do caso, sustentado de modo singular, porque fundado na literalidade do que o caso expressa como sintoma e como narrativa dos invólucros do sintoma.

Além disso, o caso aparta o saber adquirido de casos precedentes, inscrevendo o que há de traço propriamente metódico: o saber adquirido, em vez de ser aplicado, é recusado. Fazer valer tais especificidades nos conduz a constatar que o método, diferentemente da

técnica, só pode ser concebido de modo indissolúvel do que se convencionou nomear objeto (Vorcaro, 2010).

A autora ressalta ainda que a escrita do caso faz ressoar a transmissão que é sustentada pelo exercício subjetivo, adquirindo assim, a função narrativa, assim ela acrescenta:

dizer da regulação do escrito pela clínica é dizer que o escrito submete-se, queria ou não, saiba ou não, às mesmas regras estruturais do que faz ato clínico. Nesta medida, a transmissão da clínica psicanalítica pelo que dela se escreve constringe o que há de singular no encontro desencontrado desta experiência. O real, ou o singular da clínica, que o clínico necessariamente desconhece, só pode ser abordado depois de ter sido transposto para outro sistema de registro antes de ser localizado, antes de tornar-se legível. Recuperar a operação de apagar e de ressaltar trilhamentos do caso no registro escrito deste é descompor séries imaginárias que bordeiam e encobrem o real, a letra, ou o singular do caso. (Vorcaro, 2003, p. 110).

Neste sentido, é a partir da construção da narrativa que se torna possível surpreender, testemunhar e transmitir o singular do sujeito e do ato analítico. Tal singularidade é representada, não apenas pela estrutura do paciente, tampouco pelas manifestações sintomáticas, mas através do encontro desencontrado entre sujeito e analista (Vorcaro, 2003).

Para contar da maneira como me aproximo do sujeito desta pesquisa, retomo minha trajetória como analista e pesquisadora, em que alguns casos mobilizaram-me de maneira particular. Se há algo que marca minha experiência clínica de modo sensível, na conjugação da sutileza e potencialidade, é a experiência de escuta de mulheres, na perspectiva de afetação que consoa com a definição descrita por Larrosa (2002) em “*Notas sobre a experiência e o saber da experiência*”, a saber:

esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em

que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é, sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos (p.24).

Os atravessamentos desta experiência clínica, que se pode nomear feminina, me capturam na demanda de uma mulher em particular, que representa o encontro como território de passagem, inscrevendo como efeito o desejo de escutar um pouco mais. Pela via deste desejo, alguns meses após o acolhimento no contexto clínico particular, convido esta mulher a participar da pesquisa, apresentada pela temática central da maternidade.

Após a pesquisa ser submetida e aprovada pelo Comitê de Ética, foram realizadas duas entrevistas, gravadas e posteriormente transcritas. A princípio havia a aspiração metodológica de entrega do material transcrito para a entrevistada, de modo que ela pudesse “ouvir-se” em formato de leitura e expressar as sensações emergentes, seja por meio de anotações no material ou ressonâncias verbais. No entanto, ficamos apenas com dois encontros, já que ela não se dispôs para novos agendamentos, o que inviabilizou a composição de tal proposta.

A abordagem da construção do caso que será descrita no próximo item é bordejada pelos atravessamentos do encontro que a clínica promove. No testemunho da experiência analítica, apresento esta mulher, que me afeta de modo particular em seus traços corporais, marcas primitivas, contornos históricos, enlaces transgeracionais e composições vinculares.

4.2 A construção do caso: quem é esta mulher?

No presente trabalho, a escolha e definição do caso ocorrem em contexto clínico, quando acolhi uma mulher, em um único encontro, que procurou pelo atendimento psicológico para a filha, de seis anos, no consultório particular. O recobrimento da demanda

de análise para a filha logo se esclareceu, quando em articulação discursiva, a angústia da mãe emergiu. Ainda que a aceleração da fala e o excesso conversacional pudesse representar a demanda de decifrá-la, ela não retornou para continuidade do processo analítico. Relato abaixo a extração do material clínico que se apresentou naquele primeiro encontro, com recortes adicionais de informações das entrevistas.

Para representá-la, empregarei a proposição do nome fictício que legitimará a construção da personagem: Bárbara, como significante histórico das nomeações gregas, simboliza aquela que é “estrangeira”, “forasteira” ou “estranha”. Estrangeira em relação ao próprio desejo, e conseqüentemente ao querer pela maternidade, esta mulher se esbarra com os impasses da angústia que é anunciada pelo corpo: é somente pelas bordas corporais que tem a chance de inventar para si um outro nome.

Bárbara demarca sua presença com vestimentas elegantes, maquiagem, cabelos longos e sorriso largo. Aos 29 anos, conta do enfrentamento da angústia na vivência do pós-parto, sinalizando a aflição emergente da percepção da autoimagem e autoestima. No momento em que apresenta a demanda de escuta, o segundo filho está com apenas seis meses.

A história de Bárbara é atravessada por limitações, ausências, pactuações e silêncios. Na infância, marcada pela precariedade financeira familiar, o pai, único provedor do lar, saía para o trabalho rural às segundas-feiras e só retornava aos sábados, enquanto Bárbara ficava sob os cuidados da mãe e da avó materna, que partilhavam o espaço de casas que dividiam um mesmo terreno e não se separavam por muros. Ela conta que a mãe a deixava com esta avó para viver aventuras amorosas extraconjugais. Essa avó também cuidava de outros netos, primos e primas de Bárbara.

Aos quatro anos de idade, Bárbara foi violentada sexualmente por um tio materno. O silenciamento da mãe é pactuado com o tio em troca da manutenção do sigilo dos relacionamentos extraconjugais. Ou seja, a mãe não denunciaria o tio se o tio também não a

denunciasse. E Bárbara violentamente foi posicionada como objeto sexual de permuta. Neste contexto, outras modalidades de segredos foram pactuadas pela mãe de Bárbara que, diante dos sangramentos da filha, reminiscentes das violências sexuais, não permitia que a avó lhe desse banho, como era hábito com os outros netos. De modo confuso, em momento posterior, ela esclarece que foi violentada por três tios, com maior frequência por um deles, que na época, tinha aproximadamente 12 anos.

Ao longo da infância e adolescência, Bárbara passou a recorrer aos cuidados do pai em situações de desamparo, frente à ausência da mãe no exercício de tais cuidados. Quando adoecia, por causa do agravamento das crises de asma, era o pai quem a acompanhava nas internações hospitalares, e quando ficou menstruada pela primeira vez, recorreu ao pai para noticiar a novidade.

Nas dinâmicas conflituosas tramadas com a mãe, por vezes, Bárbara intimidava-a anunciando a possibilidade de contar ao pai sobre os relacionamentos extraconjugais, mas logo era paralisada por palavras de cunho ameaçador e agressivo proferidas pela mãe. Somente na idade adulta, após a vivência de uma intensa crise psíquica, desencadeou certa aversão à presença da mãe, e então, ela conseguiu narrar ao pai sobre o histórico da violência sexual na infância.

Na idade adulta, a escolha do parceiro amoroso é atravessada por montagens abusivas. Após alguns encontros com este homem ela engravidou e decidiu negar-lhe a paternidade justificando que o filho era de outra pessoa. Os motivos que a levaram a tal negação são articulados de modo contraditório, ora por perceber que o parceiro vivenciara outros relacionamentos, ora pelo uso abusivo de álcool e outras drogas. Investiu em outros relacionamentos amorosos e quando estava prestes a se casar, desistiu; movimentada pelo desejo de retornar para o pai de sua filha que, segundo ela, ainda lhe procurava.

Após nove meses de reconciliação, decide, com ele ser mãe novamente. Ela engravidou, desta vez de um menino, e decidiram morar juntos. Logo após o nascimento do filho, o companheiro assumiu uma nova atividade trabalhista, que implicava em viagens frequentes, o que fez com que Bárbara se sentisse muito sozinha, até mesmo para desempenhar o cuidado com os filhos. Ao delimitar suas demandas para o companheiro, constantemente entravam em conflito. Foi neste período, quando estavam prestes a se separar, que buscou o atendimento psicológico para a filha.

Fragilizada, Bárbara não suportava vivenciar as angústias do pós-parto, ao mesmo passo em que os conflitos conjugais passaram a ser cada vez mais frequentes. O companheiro consumia bebidas alcólicas de modo excessivo, e, certo dia, enquanto amamentava o bebê, olhava o celular do marido e identificou o contato dele com outras mulheres, neste momento, decidiu se separar.

A fala, sem pausas, acentua a ausência de bordas neste relacionamento, marcado por cenas de captura, violência, provocação, vingança e punição. Assim, à medida que se recorda das falas violentas que o parceiro pronunciava, as repete como tentativa de puni-lo, como se algo do seu sofrimento pudesse ser retificado por esta via. Ela declara que o parceiro constantemente manifesta o desejo de estarem juntos, como um casal. No entanto, ainda que permanecessem em contato e ela representasse o papel social em eventos, não consentia trocas afetivas e contatos corporais.

O esboço da pesquisa faz ascender meu desejo de retomar o contato com Bárbara, agora, na proposição de realizar algumas entrevistas. Dentre tantas outras vinhetas testemunhadas na experiência clínica, este caso me captura pelo estranho desejo que atravessa a maternidade, situada frente aos impasses transgeracionais e bordejada pela questão do corpo. Escolho-a pelo modo como me captura, quando transborda traços mnêmicos da violência, quando se interroga acerca da angústia que não é aplacada por tantos outros

recursos de tamponamento, quando vacila na tentativa de dar conta do pacto perverso forjado com o parceiro.

Retomei o contato com Bárbara via whatsapp, quatro meses após o primeiro encontro, e ela imediatamente se prontifica a participar, com empolgação. Após a pesquisa ser submetida à aprovação do Comitê de Ética e a constatação de tal aprovação, foram realizadas duas entrevistas, no mesmo consultório particular em que foi acolhida uma única vez. Tais entrevistas tiveram duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Em perspectiva transferencial, foram vivenciadas com intensidade, ressoando de modo esquizoide a aridez, a angústia e o transbordamento, na trama das pactuações sugeridas por ela e da movimentação conversacional desenfreada, que por vezes me confundia, assustava, enojava.

A primeira entrevista é realizada após alguns dias do contato. Ela se dispõe com entrega. A articulação gestual e dialógica provoca a sensação de que algo em seu narcisismo parece estar sendo mobilizado com a possibilidade de participação da pesquisa. Ao explicar o termo de consentimento e os cuidados éticos para que a identidade fosse preservada, verbaliza que o nome fictício poderia corresponder ao próprio nome dela. Tal demanda reflete explicitamente a não assunção do lugar de paciente, ressoando novamente a negação a entrada na cena clínica. Aqui, o nome é uma identificação, sem precedentes, de uma história que precisa ser contada, vista, reconhecida. História que ainda não pôde ser lida e nomeada por ela mesma. Quase um ato, uma passagem na luta por se ver em alguma história que pode ser a dela.

Ao fim da entrevista, insinua o confronto do saber na oferta de solução para a angústia pronunciada. A colocação vincular parece ser cifrada pelo pacto perverso, no sentido de que propusera a participar da pesquisa caso houvesse a permuta da cura, insinuada pela sentença “uma mão lava a outra”.

A segunda entrevista acentua a apressada articulação verbal. Mais uma vez, encena a dinâmica identificatória transferencial, suspeitando da capacidade analítica de compreender a dor tal como é sentida, como se precisasse ter a convicção da correspondência exata do endereçamento da mesma, fazendo representar o registro imaginário. Profere palavras de protesto à violência que atravessa a relação com o parceiro amoroso, ao passo que denuncia o gozo sustentado pela mesma. Assenta a culpa no Outro pelas mazelas de sua existência. Insights deflagram a costura de significações de ser mãe suficientemente boa, mulher amada, trabalhadora valorizada, e fazem ressoar a condição estrutural faltante, designadamente a falta afetiva da mãe.

Após a realização da segunda entrevista, tentei por várias vezes consolidar a continuidade dos encontros. Ela retornava argumentando sobre as limitações do tempo provenientes do trabalho. Ao insistir um pouco mais, flexibilizando possibilidades para o agendamento, o silêncio que ecoa legitima a paralisação do desejo de prosseguir. Assim, permanecemos com dois encontros.

Em perspectiva analítica, é evidente a minha angústia pela impossibilidade de proceder com mais algumas entrevistas, levando em conta ainda a aspiração metodológica de entrega do material transcrito para a participante, em momento posterior. Tal aflição se faz representar na resistência à escrita do caso, sendo prorrogada pela sensação de frustração, significante da contraposição ao desenho dos caminhos a serem trilhados. Atualiza em mim a falha constitutiva da relação com o saber e a impraticabilidade de traçar os destinos da pesquisa. O mal-estar que se acentua, testemunha o real dos limites do acesso analítico.

A construção da narrativa, que será delineada a seguir, é demarcada pelos atravessamentos afetivos que a escrita do caso faz evocar. Às singelas capturas - em contraste com a complexidade da extensa linguagem expressa por Bárbara - pronunciam os saltos sintomáticos que me lançam na escolha dos recortes discursivos que compõem a análise: o

que faz tecer o corpo – da sexualidade, da angústia, do excesso e do gozo – a primazia do quantitativo como álibi da construção das fantasias narcísicas, os enlaces transgeracionais na embaraçosa apropriação da maternidade e a experiência devastação, que reitera as dimensões traumáticas da violência sexual. Tais capturas revelam o modo como me aproprio do caso, testemunhando flagrantes, titubeando sensações e recitando frestas do desejo.

Capítulo 5. Análise do Caso

5.1 A pele que habito: o gozo feminino como acontecimento de corpo

“Sentou-se para descansar e em breve fazia de conta que ela era uma mulher azul, porque o crepúsculo mais tarde talvez fosse azul, faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações, faz de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, faz de conta que uma veia não se abria e faz de conta que dela não estava em silêncio alvíssimo escorrendo sangue escarlate, e que ela não estivesse pálida de morte, mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade, precisava no meio do faz de conta falar a verdade de pedra opaca para que contrastasse com o faz de conta verde-cintilante, faz de conta que amava e era amada, faz de conta que não precisava morrer de saudade, faz de conta que estava deitada na palma transparente da mão de Deus, não Lóri, mas o seu nome secreto que ela por enquanto ainda não podia usufruir, faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo, pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte, faz de conta que ela não ficava de braços caídos de perplexidade quando os fios de ouro que fiava se embaraçavam e ela não sabia desfazer o fino fio frio, faz de conta que ela era sábia bastante para desfazer os nós de corda de marinheiro que lhe atavam os pulsos, faz de conta que tinha um cesto de pérolas só para olhar a cor da lua, pois ela era lunar, faz de conta que ela fechasse os olhos e seres amados surgissem quando abrisse os olhos úmidos de gratidão, faz de conta que tudo o que tinha não era faz de conta...”.

Clarice Lispector

Movimentada por esta pele, ora cheirosa, ora desinvestida, Bárbara estranha a autoimagem que parece desintegrada de algo que poderia assegurar-lhe a feminilidade. Por envolver todo o corpo, tal pele sustenta a articulação de uma unidade corpórea real que não foi possível ser arquitetada imaginariamente pela nomeação do Outro, especialmente o Outro materno. Para lidar com a angústia ressoante, encena ensaios subjetivantes que possam lhe atribuir outro lugar desejante. Assim, ela conta das representações de outras mulheres que lhes são verbalizadas: “Ele diz que você foi à única mulher cheirosa que ele conheceu”.

O contato com Bárbara desde o primeiro encontro, quando foi acolhida no consultório, é marcado por dinâmicas transferenciais de identificação feminina. Neste sentido, ela me pergunta: “Sabe o que é se olhar no espelho e não se sentir bonita? É claro que você não sabe

né, bonita desse jeito. Hoje eu até passei batom, mas não estou me sentindo bem”. A voz feminina que se pronuncia, busca inventar para si algum traço que possa revestir o corpo, representar a beleza e afeiçoar-se com o que é ser mulher.

Na articulação discursiva excessiva e acelerada que se opera, reverbera entremeio ao desespero simbólico, os sinais de que o corpo lhe resta como consistência e borda. É somente por contar com a literalidade dos sintomas que se traduzem no corpo, que toma dimensão da angústia. Tais representações corporais fazem calhar o fracasso da estruturação defensiva edificada pelas simulações narcísicas. É na perda do controle corporal que a angústia emerge como tal.

Ao retomar determinando período de adoecimento, Bárbara declara a condição objetiva que faz reverberar no corpo:

Nesse período que eu fiquei muito mal, eu me calei, eu deixava todo mundo cagar em mim, cê precisa ver, qualquer pessoa podia falar o que quisesse, eu abaixava a cabeça e chorava, e chorava, ficava sem comer, vomitava, dava diarreia, ia pro Pronto Socorro e voltava pra casa. Porque mexe aqui. Igual, eu perdi dois quilos em duas semanas, não podia né, meu peso é 60 kg e to com 58 kg, simplesmente porque eu preoquepei com o meu pai, meu pai deu úlcera no olho, porque eu preoquepei com o normal. Meu problema é aqui (acena na cabeça), não é se eu ficar sem comer, porque eu nunca fiz dieta na vida, eu perco peso desse jeito. Eu sinto que eu tenho alguma coisa psicológica, e tenho medo disso nunca sarar.

Zucchi (2014) destaca o corpo em seus significantes advindos do campo do Outro. Ao apropriar-se das formulações de Lacan, a autora aborda o corpo como conjunto de bordas pulsantes e um vazio essencial, em que, por intermédio do objeto, sujeito e Outro se enlaçam. Nesta perspectiva, o corpo ultrapassa a organização estabelecida pela linguagem no campo do imaginário e se revela como acontecimento contingente ou, acontecimento de corpo. Essa articulação é o sintoma, representando o que há de real para o ser falante.

No encontro da linguagem com o corpo, o excesso vivenciado com profundo estranhamento, embora seja também familiar, remonta ao gozo opaco, que não faz unidade, tampouco permite a definição (Lacan, 1972-1973 [2008]). Em seu texto “O estranho” (1919/1987), Freud retrata acerca do estranho familiar que se atualiza pela via da repetição. Tal estranhamento atravessa a unidade narcísica, produzindo o processo de clivagem do eu e a criação do duplo imaginário por intermédio do efeito de exterioridade que os estímulos corporais promovem.

A narrativa de Bárbara conta das vicissitudes do estranhamento no processo gestacional. Imbricada pelas limitações impostas, o trabalho, significante expressivo em seu discurso, conta dos sintomas corporais que noticiam a angústia. Em suas palavras:

Eu adoeci, comecei a ter sangramentos, e eu já queria aquele filho pra mim. Aí tive que me afastar do trabalho, foi aí que veio, como se diz, a tal, da tristeza. Com dois meses de gestação, me afastaram do trabalho. Não podia mais trabalhar, ou escolhia ter ela, ou trabalhava. Eu não poderia ficar duas horas em pé, e eu ficava 12h no trabalho, sem poder sentar. Então eu saí do trabalho, e ali eu me tranquei no quarto, só saía pra comer na hora que meus pais iam trabalhar, se chegasse gente, corria e me trancava. E aí eu perdi muito peso, saí pra ganhar minha filha eu tava com 47 kg e meu peso normal sempre foi 60 kg.

Alberti & Alvarenga (2015) dissertam acerca do estranhamento na relação mãe-bebê. Para as autoras, a relação com o real, através do próprio corpo, remonta as marcas do insondável de um corpo outro, estrangeiro e gozador e permeia ainda, a montagem pulsional com o bebê, desenhado pela face do que é fruto do próprio ventre, mas também reflexo do que é inassimilável do Outro, fora do significado, dependente e estrangeiro a si mesmo.

Diante das percepções do relacionamento com seu parceiro, não formatado por nenhum tipo de acordo vincutivo e distante das aspirações imaginárias de cumplicidade e fidelidade, Bárbara decide não contar a ele sobre a gestação, negando ao pai a identificação da

filiação, fazendo assim com que se distanciassem. Ainda que, segundo ela, ele nunca deixasse de procurá-la, o embotamento afetivo tornou-se marca como gestar solitário.

Ao envolver-se com outro parceiro afetivo, quando a filha estava com quatro anos, houve o desejo mútuo de ter outro filho. Esta gestação foi interrompida espontaneamente, justificada pela fragilidade imunológica emergente do adoecimento da filha. Com o casamento marcado, ela decide desistir por flagrar-se no constante desejo de retomar o vínculo com o pai de K.

Capturada por esta estranha atração, após 5 anos, Bárbara decide reconciliar a relação, neste momento ele já soubera da existência da filha. Com nove meses de relacionamento, engravida novamente, desta vez, de um menino. Ela qualifica a gestação com encanto, representando a significação fálica pela sensação de felicidade. No entanto, o nascimento do bebê evoca traços do registro psíquico real. O relato transcreve:

Com 9 meses junto eu engravidei, tive o H. e foi aquela gravidez maravilhosa. Pensa, eu trabalhando, não precisei afastar do trabalho. E é isso que me motiva, trabalhar, trabalhar. Isso que me deixou bem, até eu ganhar o neném. Aí lá no hospital, ele nasceu; nossa eu tava muito feliz. Mas no dia em que eu cheguei em casa, eu quis morrer. Foi aí que eu senti uma coisa diferente, eu não tava suportando menino chorar perto de mim, não suportava a K. me gritando, que era meu pedacinho de gente, filha mais velha, como se diz, a primogênita”.

Foi neste período, quando o bebê completara três meses, que Bárbara recorreu ao consultório, endereçando demandas da ordem do excesso, articuladas às ressonâncias da violência sexual vivenciadas na infância, ao esgotamento corporal, desinvestimento libidinal e ao claudicar do exercício da função materna.

A fragilização do enlace vincutivo perpassa a demanda terapêutica, e ela não retorna para dar sequência ao processo de análise. Inundada na própria angústia, ela se isola; envolta pela precariedade de recursos simbólicos para representar a dor, realiza duas tentativas de

autoextermínio: por ingestão de substância tóxica (carbofurano) e enforcamento.

Posteriormente, incide a cisão do ego em episódio desencadeante de internação psiquiátrica.

Eu não sabia o porquê chorar tanto [...] Sim, tentei suicídio; sempre foi Deus salvando, tentei tomar Furadan, chegou alguém na hora, coloquei corda pra me enforcar, meu pai chegou e me abraçou; parece que sempre tinha alguém por perto e eu não conseguia enxergar aquilo. Aí foi quando, um dia de segunda eu fui trabalhar na parte da manhã, teve uma chuva muito forte, em Fevereiro, e eu lembro que eu chorei muito, estava muito nervosa, querendo avançar em quem estava na minha frente no trabalho. E eu lembro que dormi. Ai eu acordei preocupada, já estava a noite, falei assim “ Meu Deus, o neném, tem que buscar na babá, tem que pegar a K. na van, quem pegou”, quando saio na porta, vejo meu filho, vejo a K., e meu pai falou, já é quarta-feira, ou seja, eles tinham me dopado. Ai eu acordei ali na Santa Casa sabe, isso pra mim foi um horror, eu acordar toda mijada, a família não preocupar se eu queria comer, se eu tava com sede, se eu tava passando fome, simplesmente eles queriam que eu me acalmasse, eu realmente surtei.

Dois conteúdos significativos associados à cisão egóica destacam-se na articulação discursiva desenfreada. O ódio da mãe – evidenciada pela projeção da agressividade e necessidade de distanciamento – e a cobrança de dívidas, especialmente de débitos financeiros do parceiro afetivo. Parece haver uma amarração simbólica entre tais conteúdos, significada pelo endereçamento da falta que coloca o Outro na posição de dívida. Em momentos distintos nas entrevistas, ela conta:

Eu só falava que as pessoas tinham que me pagar o que me deviam, porque eu emprestava dinheiro pros outros né, o A. comeu muito meu dinheiro, e ganha mais do que eu. E era a única coisa que eu queria – eu quero meu dinheiro, quero você longe de mim, quero que cê morra – Nunca desejei maldade pra ninguém, eu desejava...

E hoje eu já to conseguindo conversar com minha mãe, porque quando eu entrei no meu... como se diz, eu surtei, eu acho que se eu visse minha mãe eu avançava, só pedia o meu pai, não quero ver ela, aí meu pai não deixava ela ir na minha casa, diz que ela sofreu chorando né.

Enquanto o sintoma representa a formação do compromisso entre o desejo inconsciente e os processos de defesa, indicando desta forma, a demanda de interpretação do sentido associado a uma produção da linguagem, a compulsão à repetição, moldada pelo irreduzível mal-estar presente na sexualidade, mostra o que resiste em ser nominado, mas que se atualiza em forma de atos. Neste sentido, o episódio do surto é situado como passagem ao ato.

Ainda que a minha escrita pudesse circunscrever sinais cartográficos de traços estruturais do caso de Bárbara, através das reminiscências do narcisismo, da solidão como perda de si, do enlouquecimento, da inconsistência do corpo e da impossibilidade de tessitura do vínculo, foi somente pelas preciosas contribuições da banca de qualificação que pude ter o esclarecimento de que não estava diante do clássico discurso da histeria, no qual o corpo se mobiliza como sintoma, símbolo, metáfora e verdade do sujeito. Ali, onde pude rastrear meu próprio mal-estar no não saber, é que me flagrei no desvelamento da modalidade de sofrimento que faz distinção ao sintoma e reitera outra dinâmica transferencial, já que remete ao irrepresentável e ao ilimitado, no limiar da forclusão. Neste caso, a cisão opera constantemente de forma acentuada.

Recalcati (2004) em análise da questão preliminar do tratamento na clínica da neurose e da psicose introduzida por Lacan, destaca a dimensão psicótica que envolve a clínica contemporânea, na perspectiva da configuração da demanda no campo social. Para o autor, a clássica tríade sintoma-demanda-transferência que balizava o tempo preliminar na condução do tratamento da neurose, complexifica-se à medida que não mais a articula. Tal desarticulação é associada a novos sintomas, que não manifestam tanto o sujeito dividido, mas se delineiam, por sua vez, via perversão, pela divisão subjetiva.

Via perversão no sentido de que o vínculo é tramado na lógica do objeto, ou através do uso perverso do objeto que pretende encobrir a falta emergente da castração. Do mesmo modo, a transferência se afasta do par sintoma-demanda por não se endereçar ao saber, fixada ao traço identificatório ou ao objeto de gozo. Por sua vez, a demanda permanece inevitavelmente reduzida à exigência superegóica de preservar a solução sintomática (Recalcati, 2004).

As representações do corpo-dejeto manifestadas por Bárbara, ressoam na dinâmica transferencial, provocando inquietação; seja pelo relato da exposição do protetor diário com fluido “menstrual” aos olhos do parceiro, seja pela lembrança da nomeação de “bicheira” empreendida pelo mesmo, após o insistente período de sangramento emergente no pós-parto. Tal exposição ressoa como transbordamento a dimensão da intimidade. Nas palavras dela:

Igual, eu não menstruo né, tenho ovário policístico, tenho que ficar tomando remédio pra poder não ovular (inaudível). Aí como eu tomei a medicação, saía alguma coisinha marrom, mas não era menstruação, e não tem cheiro, então quando não tem cheiro é o efeito da medicação, né. Aí ele pegou e mandou mensagem, “alguma coisa na vagina, você deu alguma infecção”, porque ele viu, eu uso protetor diário todo dia, né. Falei, vagina?

Assim que eu tive o H., eu fiquei um mês sangrando, e nada de remédio cortar. Aí fiquei cinco dias sem sangrar, me deram aquela injeção de três meses, fiquei mais um mês sangrando, voltei na M., né, e ela falou que era normal por causa dos hormônios. E foi nessa época que ele já começou a falar coisa feia pra mim, falar assim “cê tá com bicheira”, quando nós brigava eu falava – Vou caçar um médico e vou cuidar de mim. Ele falava “vai caçar médico pra cuidar dessa bicheira na buceta”. Aí eu falei – Que que é vagina? Não sei o que é vagina, acostumei tanto ouvir buceta, que não sei o que é vagina. Sabe, eu retruco o que ele falava pra mim há cinco meses.

Ao deparar com a especificidade transferencial que se opera na relação corpo/escrita, por meio dos atravessamentos indigestos das projeções viscerais desta mulher, me flagro na titubeação dissertativa. Neste ponto, do insuportável velado, represento meu incômodo frente à barreira imagética edificada, ao vínculo-armadilha que faz ecoar a intensidade não nomeada,

a fresta real em que não se faz possível acessar com a palavra. O que me traz como intragável seja talvez a legitimação do meu fracasso na tentativa de tecer o vínculo, inscrito sob a mesma marca que me afeta quando ela vai embora, e não volta.

Ela chega a questionar se poderia tratar tais assuntos comigo:

Porque antes ele fala que... eu posso ter esse tipo de conversa com você né? “prefiro bater punheta do que ficar com uma mulher igual a você” (pausa), ele falou essa palavra pra mim. Aí ele ia dormir lá em casa, eu durmo no quarto e ele lá pra sala, voltava da rua todo sujo, ficava sem tomar banho só pra eu não encostar nele. “Bárbara você vai voltar pra casa?” nunca na vida, eu tô aqui por causa do meu filho. Aí agora o que mudou? Eu pergunto pra ele o que mudou, se ele me achava feia, eu tava horrorosa, eu tava fedendo, e só porque hoje você vê esse tanto de mensagem, as pessoas me elogiando, eu sendo convidada para aquelas coisas que antes eu não era mais, porque eu era a esposa do A. e o A. é o encenqueiro, ciumento.

Talvez ela questione acerca dos limites discursivos justamente por perceber meu incômodo na escuta. Internamente, escuto de forma densa, com a sensação de transbordamento. O linguajar empreendido me incomoda, ao cutucar repressões edificadas no meu próprio código discursivo; como se ela transbordasse também os limites da minha intimidade.

Na figuração da corporeidade, a feminilidade revela-se como significante simbólico de rota aos caminhos em que Bárbara busca compreender o que se passa com seu corpo em viés aos enlaces intersubjetivos. O resgate da reconstrução da própria história, atravessada pela vivência da violência sexual, revela, em suas palavras:

... E isso foi crescendo comigo, eu lembro que eu sangrava, aí minha vó queria dar banho nos netos, minha mãe não deixava ninguém me dar banho, era só ela. Eu lembro que eu sentei na beirada da cama e saiu um negócio assim de mim, tipo um... aí eu fiquei pensei “será que eu tenho bibiu”, um negocinho tipo um, como se diz, uma tripinha sabe, mas eu não recordo de eles fazer penetração em mim, eu lembro de colocar dedo, essas coisa.

Em outro momento, retoma os impasses do vínculo com a mãe, alinhavado pela lógica do silêncio e apagamento subjetivo:

... Quando eu menstruei, eu contei foi pro meu pai, meu pai foi no mercado, comprou absorvente pra mim. Minha mãe ficou sem conversar comigo, como se eu tivesse perdido a virgindade. Porque eu menstruei, eu menstruei com 13 anos e minha mãe ficou sem conversar comigo.

Na escrita de Lacan (1949/1998), o corpo é introduzido na economia do gozo por meio da imagem. Essa imagem corporal precisa ser reiteradamente apropriada pelo psiquismo do sujeito, ao longo de toda vida. O estádio do espelho representa a referência identitária que renova de modo aberto e contínuo, o reflexo do olhar do Outro na composição desta imagem.

A angústia nomeada por Bárbara na relação com a mãe alude à ausência do reflexo de tal imagem na composição identificatória, remetendo a incompatibilidade de sustentação da consistência simbólica do corpo, que passa a ser vivenciado como estranhamento e enigma, na invenção do feminino.

Em (1972-1973 [2008]), ao retomar os constructos Freudianos, Lacan esclarece que a falta, correspondente a alteridade que o sujeito traz consigo, não possibilita por si só fundamentar a mulher. Ao abordar a questão do gozo Outro, suplementar ao gozo fálico, essa falta de substância pode ser posicionada como acréscimo, porventura ilimitado, de possibilidades de invenção e recriação de outros sentidos para o feminino.

É assim que o gozo feminino pode ser situado como o ponto através do qual se pode inventar e esculpir o feminino, operando com o não representável. Se *A* mulher não existe, já que está mais além do significante fálico e não pode ser tracejada como uma unidade conceitual que possa abarcar as todas as variabilidades e parcialidades das representações do feminino, pode-se dizer da existência da multiplicidade de mulheres. Por outro lado, o gozo

feminino pode ser tramado no extravio ao desejo, no desvelamento de sua obscuridade como real indizível da dor, o que converge com a modalidade de sofrimento da devastação.

Souza (2016) aclara o modo como a experiência da devastação, fundamentada na relação entre a mãe e a filha, pode ser empobrecedora da vida afetiva e dos laços sociais, de tal maneira que não parece estar remetida ao desejo do outro, o que lhe confere no não lugar, o estado enlouquecido em que as referências são inacessíveis. Se para Lacan (1962-1963 [2005]) o sujeito encontraria sua casa no ponto situado no Outro, para além da imagem de que somos feitos, (Guimarães, 2014), complementa que a dificuldade de posicionar o corpo e o investimento libidinal nas relações, demarca a perda do corpo, decorrente da emergência da defesa contra o gozo feminino.

Este sofrimento que caracteriza o transbordamento do gozo é contraposto ao seu ciframento, já que o ciframento introduz o sujeito na relação disposta pela civilização do gozo e, por consequência, pela possibilidade de acesso ao desejo. O arrebatamento, como instante de desnudamento, insinua a ameaça de substituição do próprio corpo. É o instante em que o feminino desmorona, e emerge como estado de objeto puro, sendo incompatível com a sustentação da imagem narcísica (Souza, 2016).

Na ausência do dizer do Outro materno, que silenciara desde a infância as manifestações e nomeações concernentes à sexualidade, Bárbara recorre ao pai para revestir o impasse identificatório, representando a tentativa de rearticulação da imagem corporal na adolescência. Na interrogação do que é feita, do que esse corpo representa e lhe conta, figura a dificuldade de posicioná-lo na troca simbólica, seja no vínculo amoroso, transferencial ou na apropriação da maternidade.

Como forma de revestimento de tais embaraços, a mediação de fantasias na invenção do mundo de “faz de conta”, assegura-lhe álibis de ratificação narcísica, legitimados pela quantidade, seja pela dosagem da medicação, que a condena a entregar os filhos para a mãe de seu companheiro cuidar, seja pelos múltiplos reconhecimentos no universo do trabalho, que parecem lhe aprovisionar o status da adequada adaptação e produtividade. Tais aspectos serão detalhados no próximo capítulo.

5.2 Reverberações da sociedade do excesso: sensação equacionada

... olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexos primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo...

A máquina do mundo

Carlos Drummond de Andrade

Bárbara equaciona suas vivências de modo a operar o excesso como produto, como se somente a nomeação insistente da quantidade pudesse lhe aprovisionar a garantia de unidade subjetiva. Em alguns momentos, tal articulação é vinculada ao significante do poder. Assim, ela verbaliza:

Então eu ganho muitas coisas, hoje eu ganhei 7 caixas de bombom, [inaudível], de uma funcionária. Aí um colega meu falou assim (eu postei), me mandou um áudio assim “Hoje é seu aniversário?”, aí eu falei “dispensei duas, eu realmente tinha

dispensado duas, acho que ficaram com medo e trouxeram um mundo velho de bombom pra mim”.

A cena contemporânea, que articula o imperativo de gozo como *modus operandi*, intercepta as modalidades de articulação simbólica e imaginária do sujeito, ditando formatações do desejo legitimadas pelo capital e seu representante majoritário: o número. Para responder a tal imperativo, não é qualquer discurso ou exibição que se autoriza reconhecível ao olhar do outro, é preciso que haja significância dos valores. A visibilidade imagética é garantida pela quantidade de curtidas, visualizações e comentários. O sucesso profissional é evidenciado pelo número de titulações e ascensões. Frente à sobrecarga psíquica e física, para anestesiar os efeitos do corpo fadado ao declínio, aludindo-o ao máximo desempenho, as tabulações de miligramas das dosagens medicamentosas, dentre outras suplementações, ampliam as performances, e isso passa a significar o enquadramento em outros registros numéricos dos manuais de classificação das doenças.

Em articulação responsiva aos agenciamentos capitalistas, Bárbara localiza o trabalho como significante da salvação de sua angústia. A lógica discursiva retrata:

Eu tomo conta de várias turmas, e sabe o que é todo mundo gostar de você, porque cê faz bem pra todo mundo? Eu chego naquele trabalho, aquilo ali é minha vida, eu queria que meus filhos fossem morar lá comigo, pra não precisar voltar pra casa. Quando fico sozinha, é aquela solidão, não tenho sono.

Couto e Teixeira (2010) realizam uma análise interessante da cultura do consumo, ancorados pela leitura psicanalítica lacaniana. O tema é balizado pelo viés do sistema capitalista, cujos desdobramentos ressoam na representação de produtos elevados a categoria de objetos-tampão da falta estrutural, nomeados como *latusas*.

Para os autores, a veiculação midiática dos ideais vinculados ao poder do consumo alicia os sujeitos na oferta da pretensa completude. Sustentado por tais ilusões, os agenciamentos capitalistas, atrelados ao discurso científico, seduzem o consumidor com

objetos travestidos de suplemento de gozo, à medida que representam satisfação total e imediata. Além disso, no laço capitalista, os trabalhadores tornam-se material humano tão consumível quanto os produtos, fazendo com que o sistema goze desta posição de objetos a serem consumidos, e a consumirem a si mesmos à exaustão (Couto e Teixeira, 2010).

Neste discurso, o *objeto a* perde sua característica de deslizamento e é situado como passível de acesso, veiculado pela proliferação de produtos afinados para causar desejo. No entanto, tal objeto evoca a falta no campo simbólico, impedindo a conexão entre a produção e a verdade e corroborando a impossibilidade de ser de fato acessível. Nesta perspectiva, o sujeito se perde nesse circuito enganoso e é alienado de sua verdade: dividida e limitada. Tal operação, entre causa e desejo, não comporta a exatidão à qual se propõe, e o mal-estar retorna como resto (Couto e Teixeira, 2010).

Para além da amarração aos agenciamentos capitalistas, Bárbara revela uma organização delirante convergente com o que testemunhamos nas expressões contemporâneas. Para Recalcati (2004) a clínica contemporânea é marcada mais pela passagem ao ato, do que propriamente pelo recalque. Nesta predominância da ação sobre a simbolização, tais sintomas parecem revelar sua dimensão genericamente psicótica; o que não significa operar a redução diagnóstica do sintoma contemporâneo à estrutura da psicose, de modo mecanicista; mas, antes, reconhecer que a clínica do recalcado – e, portanto, do sintoma como formação do inconsciente – não abarca por si só, modalidades emergentes e distintas, marcadas pela fragilidade estrutural e generalizada da metáfora paterna, com os efeitos do retorno do gozo no real, que torna os novos sintomas irreduzíveis ao regime significante da equivalência do sintoma como metáfora.

No caso de Bárbara, o excesso discursivo que reflete a intensidade pulsional contrasta a representação defensiva de tamponamento da falta, arquitetando a fantasia de

invencibilidade do corpo frente às estratégias medicamentosas e as ações físicas. Em suas palavras:

...portanto essa medicação que eu tomei é muito forte, quem toma é quem tá acamado, não me faz dormir, durmo muito pouco até hoje. De vez em quando o A. vai lá pra dormir com as crianças, porque eu tomo um remédio de 30mg pra dormir, de 0,5mg ele passou pra 30mg, mesmo assim eu vou dormir 1h da manhã e 4h eu tô de pé, lavando roupa, colocando roupa no arame, pra dar o horário de eu ir pra roça. E é aquilo, eu trabalho das 7h às 16hrs, puxado, faço academia, faço Jiu-jitsu, cuido das crianças, cuido da casa e eu não me canso.

Em outro momento, discorre:

Ou seja, eu cheguei, o psiquiatra disse que eu tava no terceiro grau de depressão, não sei se isso seria ruim ou bom, e entrou já com medicação muito forte. Aí uma coisa que eu pedi; ele me deu 10 dias de afastamento, ai eu continuei sonolenta ele deu mais 15 e eu falei não quero mais, quero trabalhar. Aí eu trabalhei dois dias ainda com muito sono, mais fui indo pra fazendas sabe, aí aquilo foi me libertando.

Na articulação discursiva desenfreada que abre pouco espaço para a inscrição analítica, o excesso conversacional alude à tentativa de se dizer tudo para atingir a totalidade da verdade. Lacan (1969-1970 [1992]), a partir do arcabouço da linguística, introduz a articulação do significante como barreira à satisfação absoluta. Contudo, a estruturação simbólica da linguagem faz com que seja possível construir tão-somente aproximações daquilo que nomeia, por meio da representação. Não se pode dizer tudo, uma vez que faltam palavras para fazê-lo. Se a linguagem só pode tocar o real de modo a representá-lo, o resto indizível se repete incessantemente na tentativa de atingir a totalidade da verdade. Tal repetição, na cadeia significante, é veiculada como resposta à perda do gozo e se sustenta na defasagem entre a perda de gozo e o suplemento de gozo.

Ainda que tudo seja representado como muito, revestindo as possibilidades de atentar-se ao desejo; para além das gratificações narcísicas, o que se revela é o despojamento de si, na tentativa de não encontrar-se com o próprio vazio. Neste sentido, ela se flagra:

Às vezes eu queria (inaudível) meu cérebro, queria, porque eu passei tanta coisa boa na minha vida, não é atoa que eu to aqui, poxa estudei tanto, olha quem eu sou hoje na empresa, eu sou uma gerente, cuido de turma, resolvo coisas. Quando tem reunião, eu to ali sentada com a turma de gerente, tipo assim, porque que essas coisinhas me faz tão mal. Eu posso dar as coisas que meus filhos precisam, se eu quiser hoje, tomar um açaí eu posso. Que antigamente, a condição era tão estranha que era só quando meu pai recebia que nós comia, bolacha recheada, meu pai comprava um pacote, era três bolacha recheada pra mim, três pro meu irmão, três pro outro irmão, duas pra ele, duas pra minha mãe, era um pacote pra dividir pra 5 pessoas. E hoje eu olho ali no armário, aquele tanto de bolacha, que a gente nem tem vontade de comer, porque tem muita. Nossa, caixa de bombom, era um luxo, e hoje eu to ali, com aquele monte de caixa de bombom, não vou nem comer.

Lacan (1958/1998) localiza o desejo no intervalo entre a necessidade e a demanda. Ainda que a necessidade seja transformada em demanda, pela marca do significante, particularidades reaparecem para além da incondicionalidade da presença ou ausência do Outro. Nesta medida, o sujeito endereça ao Outro a equalização do resto que escapa como vazio de significação. Tal hiância bordejia o desejo e não é restrita ao apetite de satisfação, tampouco à ilusão de completude, mas alude ao próprio fenômeno de fenda do sujeito.

De modo persistente, Bárbara busca afirmar-se para existir, para fazer parecer presente, alastrando a resistência aos processos de destituição subjetiva tecidos em suas malhagens vinculares. Pierre Benghozi (2010) articula o conceito de malhagem na disposição dos vínculos como uma rede que liga vínculos de filiação e de afiliação. Nesta perspectiva, o vínculo de filiação apoia-se na base real biológica para construção psíquica; já o vínculo de afiliação, ancora-se na realidade sociológica de inserção no espaço grupal, referindo-se a qualquer modalidade que determine o pertencimento a um grupo, uma comunidade, ou instituição. O autor destaca a possibilidade, em processo aberto e contínuo, de que ocorra a remalhagem destas redes de vínculos; em especial, nas rupturas do vínculo filiativo, no qual a malha poderá ser restabelecida pelo enlace afiliativo.

De modo essencial, tais processos ampliam outros destinos de tessitura para as rupturas que poderiam soar irreparáveis. Assim, filiativo e afiliativo são reelaborados na dinâmica de malhagem, desmalhagem e remalhagem, não como vínculos radicalmente dissociados, mas como vínculos promissivos a serem interconectados, para compor um novo espaço psíquico: o da malha. Para além dos impasses estruturais, o trabalho de reconstrução psíquica poderá ser possível (Benghozi, 2010).

Sustentando o ideário de esmero, como forma de amenizar o sofrimento emergente da relação afetiva, revoga a energia libidinal e a força do excesso pulsional que escapa das vias traumáticas. Ela insiste:

Porque homem tem demais né, no mundo. Porque homem fala, vem uma mulher, vai outra; mas da mesma forma é homem, tem homem demais também. E eu carrego isso comigo, eu penso que todos os ex que eu tive, se eu fosse uma pessoa tão ruim, não estariam atrás de mim até hoje. E eu, a minha vida é só trabalhar e viver para os meus filhos hoje.

Em alguns momentos apropria-se da identidade analítica para encenar a personagem de psicóloga, aludindo à delicada habilidade de administrar as questões emocionais dos colegas de trabalho:

Hoje, eu sou uma psicóloga no trabalho, consigo perceber dentro do sorriso quem tá com problema, tiro do trabalho, coloco na minha frente e converso – tá passando por alguma coisa “não de jeito nenhum”, aí eu falo que percebi alguma coisa e a pessoa desaba a chorar na minha frente. Aí como eu não choro mais, não consigo mais chorar, secou... As pessoas não percebem porque “a (Bárbara), é a (Bárbara) do sorriso”. Dia que eu tenho médico pela manhã eu não vou trabalhar né, aí na hora que eu chego eles falam “graças a Deus, isso aqui tava parecendo um velório”. E eu sou muito espontânea, eu queria entender porque quando eu tô no meio de tanta gente, eu consigo fazer tanta gente rir, porque que eu brinco tanto, porque eu não canso, mas porque quando estou sozinha meu mundo acaba.

O modo como Bárbara fala, assumindo meu lugar profissional para posicionar suas cobranças, revela a tomada da posição narcísica para sustentar a demanda imaginariamente

disposta. Ao mesmo passo em que seduz para pactuar, representando uma modalidade de acordo divergente do vínculo, quebra os pactos em momento posterior. Ao perceber que não consigo ocupar tal lugar, provoca um pouco mais:

Não, eu não tenho amigas. É porque assim, quando a pessoa chega com algum problema, eu sou psicóloga. Cara, eu consigo resolver o problema deles. Cê precisa de ver eles me ligar “muito obrigada, aqueles conselhos que cê me deu, eu fiz e deu certo”, eu precisava tanto que uma pessoa fizesse isso comigo.

A fragilidade de seus vínculos é expressa nas diversas modalidades do laço social. Neste sentido, a primazia do vínculo trabalhista sustenta imaginariamente a ilusão de laços que não são possíveis de serem tecidos sob o signo da amizade, fazendo-a distanciar da partilha da intimidade, da alteridade, da apropriação de instrumentos de combate aos efeitos traumáticos do individualismo, e do concernimento que pudesse viabilizar a promoção de autonomia e acolhimento da diferença.

Como destaca Ceccarelli (2009), ao longo de nossa história, reagimos às inevitáveis sensações de desamparo, segundo o protótipo construído na infância, fazendo com que recorramos ao mundo interno ou às construções imaginárias simbólicas para fazer frente à angústia: os laços sociais estão no cerne de tais construções. Se por um lado a ilusão representa um dos maiores desejos da humanidade – a necessidade de proteção através do amor, ou seja, da força de Eros – por outro, a desilusão revela a ineficácia dos expedientes utilizados para fazer frente ao desamparo. Até mesmo porque, como anunciara Freud (1930/1936), ao mesmo passo que o laço social reflete a força de Eros, de modo paradoxal, representa uma das principais fontes do mal-estar da civilização.

Cavalcanti & Poli, em leitura a teoria dos discursos de Lacan (1969-1970 [1992]), acentuam que tais construções simbólicas orientam o sujeito na renúncia e possível recuperação do *quantum* de gozo que o habitar cultural exige, dispondo lugares possíveis para

o sujeito diante das adversidades, em relação ao Outro. Arquetizados como limites de gozo que são efetuados pela linguagem, é que os laços sociais estabelecem os vínculos e sua manutenção. Sem esse limite cultural simbólico, a tendência do homem é apropriar-se do Outro como objeto de gozo e nele saciar as pulsões eróticas e mortíferas. Nesta perspectiva, diferentes modalidades discursivas, inscrevem e circunscrevem o desamparo, tornando-o operativo (Cavalcanti & Poli, 2015).

Enquanto a demanda compulsiva capitalista remete a demanda imaginária do objeto, como solução de todo mal, representando-o com excessiva presença, a dimensão melancólica da demanda contemporânea alude à excessiva ausência, a saber, a ausência do Outro. Para Recalcati (2004), a demanda melancólica promove uma espécie de separação da demanda desejante, de ruptura do laço e refutação do outro, com efeito do fechamento autístico do sujeito, que pode acompanhar-se da redução do laço social à ideologia narcisista da homogeneidade “monossintomática”, prescritiva do estatuto isolado e monádico do sujeito contemporâneo.

O dilema de Bárbara na construção de vínculos acentua articulações ilusórias sustentadas por gratificações narcísicas. No entanto, nada a constitui na condição de falta a ser. Tais movimentações esvaziam as possibilidades de conexões genuínas que pudessem lhe movimentar a força de Eros e transitar por outros territórios simbólicos para fazer frente ao desamparo; que ancora suas raízes primordiais na relação primitiva, como será esboçado no próximo capítulo.

5.3 Dar a luz ao inconsciente: enigma materno e enlaces transgeracionais

No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela — silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos
saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas.

Bem no fundo

Paulo Leminski

O enigma materno que mobiliza Bárbara carrega consigo marcas de um estranho querer, fertilizado por aspectos inconscientes, traços geracionais, fantasias encobridoras e sintomas corporais associados ao adoecimento. Em suas palavras:

Se for por maternidade, vamos começar assim, pela minha filha. A mais velha, K., que hoje tem 6 anos. Foi assim, sempre quis ser mãe, só que minha vida era aquela vida agitada, vida de festa, tudo, conheci um rapaz. E esse rapaz por um tempo eu gostava dele, sentia que ele gostava de mim, só que eu descobri que ele era custoso, rapaz namoradeiro, então como eu não sou disso, vim do Goiás, interior, não tinha muito disso né, não aceitei. Só que aí eu tava grávida, eu descobri, mas não procurei ele não, pelo motivo de eu ser totalmente independente, eu trabalhava, trabalho até hoje no mesmo trabalho, vai fazer 10

anos. E, foi aí que eu fui adoecendo a primeira vez, me tranquei, eu não ia mais pra festa nenhuma, meus amigos me procuravam, mas eu não bebia mais...

A descoberta da gravidez traz consigo a fragilidade do laço, e na precariedade do vínculo afetivo, ela se recolhe. A gestação reedita insistentemente os traços com a relação primitiva, na coexistência do lugar de filha com a invenção da função materna. Nesta descoberta, o adoecimento anuncia a angústia ressoante das fantasias associadas a tais apropriações.

Ao mesmo passo em que discorre incessantemente ser uma mãe suficientemente boa e o quanto apropriação de tal papel a conforta, o discurso tecido de modo contraditório e confuso faz pulsar como incômodo o resto assimétrico de seu desejo. Neste sentido, o encadeamento dialógico é decifrado paulatinamente, e ela conta que os filhos são cuidados pela avó paterna:

Aí eu começo a lembrar, nossa parece que tá todo mundo bem, e eu to sozinha, vou chegar lá em casa e vou ficar sozinha, a K. tá lá no meu pai, meu neném tá na casa da mãe do A. Porque assim, eu vejo eles todos os dias, mas em meio de semana acaba que o H. não dorme comigo.

Buscando compreender a dinâmica de cuidados, interrogo sobre a articulação da família em relação às crianças e ela acrescenta:

É, ele tem a caminha dele na casa dela. Mas assim, eu não converso com ela, desde o dia que ela me chamou de louca, que eu fui lá buscar e ela falou assim “eu vou chamar o conselho tutelar pra você”, foi o dia que eu sai da psiquiatria né, e eu queria ver meus filhos. Eu só me acalmei no dia em que eles ficaram comigo, eu fiquei afastada duas semanas do trabalho, fiquei fechada com eles duas semanas, brincando, fazendo comida, arrumando casa, e cê precisa ver, os meninos dos mais carinhosos, rindo, os dois felizes. Aí foi afastando, a K. piorou (inaudível), o H., cê precisa ver na hora que ele me vê, ele bate as perninhas, na hora que ele gruda em mim ninguém mais pega, ele abraça, não solta, fez 10 meses agora, já tá andando; ou seja, eles é muito apegado em mim.

Em outro momento busca esclarecer:

Eu vejo eles praticamente todo dia, o A. chega já pega o neném e leva lá pra mim. Aí lá pelas 21h ele pega ele leva embora. Aí a K. quando tá lá fica o tempo inteiro mandando foto dele pra mim no zap. Aí ela fica o tempo inteiro “mãe, meu irmão tá bem, aqui nós”, mostrando vídeo. Então isso vai me confortando [...].a K. eu vejo todo dia, aí o H. é praticamente um dia sim, dois não, mas todo final de semana eles ficam sempre comigo, todos.

Mais uma vez emerge a cena do isolamento, na criação do universo particular dela e dos filhos em que a função materna se sincroniza aos papéis domésticos para composição da suposta remediação da sua dor. Neste cenário, precisa convencer incessantemente acerca do amor dos filhos.

Miller (1999) descreve a devastação como experiência de encontro com a nudez, quando falta sobre o corpo alguma camada mediadora, que pudesse interditar o acesso direto ao real. Evidencia desta forma, a mulher descrita por Lacan, atraída ao extravio, ao ilimitado, ao irrepresentável.

Este olhar para a devastação como sofrimento decorrente do encontro com o ponto de impossível representação do feminino no corpo, evoca a busca de referência no outro, instante em que o amor se presta à construção do laço. De maneira inversa, a perda do amor deixará desvelado o fragmento irrepresentável, desconectado do significante e passível de converter-se em sofrimento profundo e extenso. Tal sofrimento resiste a elaborações e deslocamentos, compondo uma espécie de loucura feminina. Nesta contingência, ao perder o lugar que o amor lhe concede no desejo do outro, a mulher perde também algo de si; é justamente esta perda corporal decorrente da separação que imerge uma mulher na devastação, reincidindo sobre o corpo (Souza, 2016).

Bárbara representa a dificuldade de posicionar o corpo nas trocas simbólicas, seja no vínculo amoroso, na transferência, ou na maternidade. Tal embate na apropriação da função materna pode ser entrevisto a luz da transmissão inconsciente que evoca traços transgeracionais. Este estranho querer é arquitetado pela via da fantasia de suplência à falta da mãe. Neste sentido, o enlace com a mãe constitui-se como um dos representantes primordiais da angústia de Bárbara, balizado pelas ressonâncias da violência sexual consentida pela mesma. Ela articula:

A minha mãe deixou alguém que era pra cuidar de mim, deixou eu ser abusada quando criança, é uma coisa que gera, igual o psiquiatra Dr. M. falou pra mim, isso não é só por causa dos seus filhos, você fez isso agora por causa do seu passado. Coisas de anteontem eu nem consigo lembrar direto, mas eu consigo lembrar a roupinha que eu estava usando quando eu tinha quatro anos de idade. Eu sei descrever até a vaquinha desenhada na minha bermudinha jeans. E aí minha mãe viu aquilo e falou assim “vou contar pra ele” (e meu pai era muito nervoso), e ele falou assim “se você contar pra ele, eu conto que cê trai ele”, ou seja, preferiu preservar ela do que cuidar da filha dela.

Em outro momento, acrescenta:

[...] duas casas lado a lado, porém, cê sabe que no interior as casas não tem muros. E minha mãe não parava em casa, aí acabava que minha vó ia trabalhar e me deixava com os tios. Aí meus irmãos iam brincar pra lá e ficava eu e minha prima. Eu via, uma prima minha que deve tá com uns, ela é mais velha que eu, não sei, deve ser mais velha que eu 4 anos. Eu via ele ter relação com ela, sobrinha dele também, que é a que morava com minha vó, mas acho que era relação mesmo, porque eu via ele fazer movimento nela primeiro antes de vim colocar na minha boca entendeu. Eu acho que com ela, tinha penetração essas coisas, porque ela chorava, chorava e ele enfiava pano dentro da boca dela.

Ainda que a devastação se pronuncie extensivamente nas relações de objeto e não se restrinja à relação inaugural, a mãe é personagem privilegiada neste enredo. A relação matricial, experimentada desde a posição de objeto dos cuidados e do desejo materno, carrega a vulnerabilidade subjacente a estes caprichos da mãe, no desamparo inerente a mercê dos sentidos que atribuí à criança (Souza, 2016).

A exatidão dos traços mnêmicos de Bárbara atualiza as marcas da violência sexual, na memória viva da trama vincular estabelecida. No lugar de objeto sexual a serviço do pacto estabelecido entre a mãe e o tio, Bárbara não pôde apropriar-se de seu lugar – do infantil, da proteção do corpo e possibilidade de ser cuidada – ficando reduzida ao silêncio, ao desamparo e ao assujeitamento que lhe sentenciou a impossibilidade de contradizer.

Nas entrelinhas do discurso, a maternidade é significada pela via da repetição como tentativa de elaboração das marcas traumáticas:

Igual, eles falam assim, não Bárbara, você precisa ter outro filho pra desapegar um pouco da K., tive outro filho, e não desapeguei nem um pouquinho, agora eu tô mais ainda por esses dois; porque eu tenho medo que aconteça com eles o que aconteceu comigo. Eu quero ser mãe, porque eu não tive mãe.

Como exposto no artigo *Recordar, repetir, perlaborar*, de Freud (1914), a repetição é demarcada pelo conteúdo reprimido portador de elementos da ordem traumática. Pela via da pulsão de morte, a compulsão à repetição representa o que resiste em ser nominado e, portanto, continua a reverberar nas montagens vinculares. Na tentativa de elaboração da falta, da condição de não ter, Bárbara se posiciona como ser, como se algo pudesse ser transmitido de mãe para mãe, sem passar pela dimensão do feminino. No entanto, tal lógica não pode ser simplificada, já que não é uma mãe que forja outra mãe, nem por identificação, tampouco por determinação. É preciso haver algo na inscrição do desejo que possa operar como causa de vida de um terceiro, que está fora da rede entre uma mãe e outra mãe.

Guignard (2002) ressalta a identidade de uma filha como a sutil combinação de partilhas e clivagens em relação à mãe. Como a mãe é igualmente filha e a filha tornar-se-á igualmente mãe, essa combinação é conduzida, constantemente, a rearranjos; que na hipótese do autor, não podem ser tecidos de outro modo que não seja por meio da báscula entre o

feminino e o maternal. É por essa dinâmica, que são tão frágeis, tão instáveis e contém tal potencialidade explosiva.

McDougall (1997) descreve a relevância da experiência materna com o corpo da filha na tessitura da feminilidade, envolvendo inicialmente componentes sensuais e não verbais e, mais tarde, as comunicações verbais entre mães e filhas. Em consonância com tais reflexões, Bernstein (em Ribeiro, 2009) considera que a tarefa de integração da genitália na imagem corporal interage com outras tarefas do desenvolvimento, e algumas das angústias que as meninas experimentam, decorrem de suas lutas com a própria experiência corporal.

Na impossibilidade de constituir-se corporal e psiquicamente como eu feminino ante uma mãe que não teve condições de ser suficiente, ou seja, de aprovisionar a experiência mínima de apreciação com a filha, Bárbara torna-se herdeira do que ressoa na transmissão de uma feminilidade mortífera.

Nesta dinâmica de transmissão, a relação com a própria filha é balizada por projeções que imprimem o não simbolizado pelo viés da prerrogativa da proteção. Assim, ela conta:

...mas o cuidado com a K. é especial, eu não consigo deixar de ter, não sei se é por causa da minha infância. [...]. Igual a K., eu ensino desde pequenininha, igual outro dia um menino da van encostou na perereca dela, ela chegou “mãe o menino da van encostou na minha perereca, tem como a senhora ligar pro homem da van?”, eu liguei na hora, tipo assim ela não esconde, por exemplo, se ela tá no banheiro, e ela não tranca a porta, ela deixa entremeio assim, passou alguém na porta, “o mãe, tem alguém passando e me olhando no banheiro”, eu ensinei ela sempre me falar, independente do que for, ela sempre me falar. E ela dá o grito mesmo, até se for meu pai, meu pai morre de vergonha, “quem quer ver menina seca pelada sô me respeita, tem nem uma carninha nem pra olhar” meu pai grita com ela. Porque ela é bem muito magra. É nunca deixei ela, ela desconhece ficar só de calcinha, nunca ficou, e se alguém falasse, “não tá fazendo calor fica só de calcinha”, jamais, ela mesma, “não, minha mãe disse que moça não pode ficar só de calcinha, tem que ficar com bermudinha também”. Eu falo, – Se alguém encostou, pode ameaçar, “não mamãe eu sei , eu te conto, sei que a senhora vai matar essa pessoa que me ameaçar”.

A experiência feminina do corpo da mãe com o corpo da filha compõe uma geografia de sensações particulares, ao ser estruturada como palco dos processos e desenvolvimentos sexuais. Neste sentido a intimidade de K. é confinada ao território do medo e ao imperativo de anunciação: do grito que a mãe não pôde pronunciar acerca da violência contra seu próprio corpo.

Ao rememorar cenas da infância, Bárbara evoca marcas precedentes que compõem este embaraçoso dimensionamento do investimento simbólico:

Porque meu pai sempre foi meu pai e minha mãe né. Eu sou triste assim né porque... Eu nasci com problema de bronquite, minha mãe não cuidou, deu asma. Eu lembro que eu ficava internada e meu pai ficava tipo num banquinho assim, não sei se é (inaudível). Eu lembro do meu pai sentar numas cadeiras que era de ferro, arrastava, fazia o maior barulhão, e eu lembro que meu pai ficava segurando a minha mão, quando eu ficava tomando soro, noites e noites lá. E minha mãe nunca apareceu.

Em outra cena:

Aí foi uma palavra que me marcou muito, e meu pai lembra dessa palavra até hoje, eu falei “cê lembra pai, quando o L. não tinha nem dois aninhos e eu derrubei ele da cama porque nós tava brigando por causa de uma laranja”, nossa diferença é de 3 anos, ou seja eu tava com uns 3 anos, olha o que eu recordo. “E cê lembra que os guarda-roupa, tinha gaveta e era um coco que cê puxava, e ele bateu a cabeça e bebeu o fôlego”, e meu pai fazendo respiração nele, e eu pegava nos pezinhos dele “meu irmão, meu irmão”. Minha mãe pegou, não sei se foi o pé, minha mãe me jogou tão longe que eu bati a cabeça, não conseguia levantar, e falou assim pro meu pai “eu não te falei, que eu nunca gostei dessa desgraça dessa menina” e meu pai “não fala isso”, meu irmão voltou ao normal, meu pai foi lá me pegou e foi passear comigo no meio da estrada de noite, na fazenda. E meu pai lembra disso até hoje, falei “pai cê lembra disso?”

As palavras acionam emocionalmente as recordações de Bárbara, reconstruindo o lugar infantil e compondo a interseção entre a violência sexual e a violência doméstica contra a infância. O alinhavar destas histórias é atravessado pelo desinvestimento que poderia compor a subsistência da função materna no pacto narcísico de construção vinculativa.

Ao reconhecer a importância das identificações e alianças inconscientes, Kaës (2005), disserta acerca da transmissão psíquica, especificando o que se transmite essencialmente: configurações de objetos psíquicos, munidos de seus vínculos com aqueles que precedem cada sujeito. Nesta perspectiva, o que se transmite e constitui a pré-história do sujeito, não é apenas o que sustenta e garante, como a manutenção dos vínculos intersubjetivos, as continuidades narcísicas e objetais, as formas e os processos de conservação e complexidade da vida. Mais além, o que se transmite é o que não pode ser retido, contido, o que não é lembrado e não encontra inscrição na psique dos pais, depositando-se na psique da criança: a doença, o crime, a falta, os objetos desaparecidos sem traço nem memória.

Deste modo, a aliança psíquica pode representar uma metadefesa, embasada em diversas operações defensivas como o recalque e a denegação, assim como a desautorização e o enquistamento. Neste sentido, ao mesmo tempo em que o vínculo se faz fundamental, cria o não transformável, o não significável, em invólucros de intoxicação e zonas de silêncio. Essa malhagem vinculativa impera o estranhamento dos sujeitos, tanto em relação à própria história, como a história dos outros (Kaës, 2011).

As associações verbais mobilizam Bárbara afetivamente em relação ao enigma de sua origem, de seus afetos e do desamparo, deflagrando o ponto nodal em que a falta é projetada; assim, ela fala pausadamente, em contraste vocal:

O que me fez falta esse tempo todo, eu descobri: Ter mãe! E esse tempo todo eu fico vendo, as vezes as pessoas falam assim “nossa eu passei mal, a minha mãe ficou loca, me levou pro hospital, aí eu fico lembrando de todas as vezes que eu ficava internada, só meu pai. Aí meu pai levava a comida que minha avó fazia, porque minha mãe não me suportava. Aí eu lembro que eu ganhei neném, K., primeira vez, aí ela chorava a noite inteira, e 00:00 meu pai vinha, dorme um pouco que eu vou pegar ela, e meu pai ficava lá no sofá. Minha mãe pegava, molhava a toalha e enfiava debaixo das portas pra poder abafar o barulho da menina chorar. E eu ficava assim, falta dois meses pra eu poder trabalhar, falta um mês pra eu poder voltar trabalhar, aí meu pai “não, sua mãe vai sair do serviço pra poder

olhar a K.”, eu falei, nunca. Meu pai teve que olhar a K. pra mim até ela completar 7 meses pra ir pra escola, meu pai ficou três meses olhando pra mim, porque eu não aceitava ela olhar a K.

Neste cenário de aridez, repetição, angústia e nostalgia, a função que o pai assume como figura protetiva, simboliza o cuidado e o investimento que costura as ausências, retifica a rejeição e tece a possibilidade de ser amparada enquanto filha e mãe. De tal modo, como “uma segunda chance”, representa o refúgio na dinâmica familiar.

Após anos de silenciamento, e logo depois do episódio de surto, a anunciação ao pai acerca das vivências da violência na infância, assume um importante papel na elaboração da história de Bárbara:

[...] como se diz, eu surtei, eu acho que se eu vesse minha mãe eu avançava, só pedia o meu pai, não quero ver ela, aí meu pai não deixava ela ir na minha casa, diz que ela sofreu chorando né. Meu pai não deixava ela ir lá em casa, e quando meu pai ia no carro, ela ficava trancada no carro lá fora, meu pai ia lá dentro me ver. E eu falava pai não quero ver ela, não quero ver ela. Aí foi quando meu pai soube da história toda. [...] Conteí. Eu com 29 anos fui falar com meu pai, o porquê que eu e minha mãe nunca deu certo, e engraçado, depois que eu desabafei com meu pai, to me sentindo melhor, eu to brincando com minha mãe, vou pra roça, brinca. [...] Ele chorou e começou a ficar nervoso “mas porque cê não me falou isso antes, se eu ver esses cara cê vai ver o que eu vou fazer com eles”, - Pai já passou, tá lá tudo casado, tudo tem família, tem filho. De vez em quando uns fica no face, mandando mensagem pra minha mãe, “eu vou aí visitar vocês”, falei, – pai se vim, não me espera na sua casa, porque eu não vou. “Não vai vim, na minha casa não vem não”, antes ele queria que eles viessem, agora não quer. E meu pai é um homem meio estranho, da roça sabe, ele não vai breicar não, mesmo eu estando com 29 anos hoje, ou seja, passados 25 anos. Quando eu conteí pro meu pai, meu pai chorou, eu nunca vi ele chorar.

Frente à experiência amorosa insuficiente com a mãe, Bárbara demarca a fenda constitutiva do encontro com o que não foi vivido, na contextura mortífera da trama vincular, que atravessa as gerações na anulação das diversas expressões de vida: de Bárbara e de sua

filha K. Pela ambivalência do que se faz revestido pelo ódio, a nostalgia lateja o persistente desejo de ser amada, no corpo que clama por ser bordejado.

Ribeiro (2009) aponta o questionamento relevante acerca da possibilidade de separação do que não foi vivamente vinculado. Seria este um luto possível? Para a autora, o eu é confrontado por um paradoxo mortífero, nas bordas do abismo, entre o abismar e o emergir. Nesta perspectiva, assim como o eu se constitui de forma frágil e lacunar, a feminilidade também o é, frágil e lacunar. Em resposta a interrogação, Marina destaca a hipótese da impossibilidade de separar-se do que não aconteceu; de esquecer-se da língua que não se chegou a falar: a língua materna viva.

Não ter tido a possibilidade de vivenciar a relação materna de modo a instalar o significante do desejo, traduz marcas que fazem repetir e reeditar a relação primitiva, funcionando como crivo na embaraçosa escolha do objeto amoroso. Estas ressonâncias serão abordadas no próximo capítulo.

5.4 Ressonâncias da violência e escolha amorosa

De que são feitos os dias?
– De pequenos desejos,
vagarosas saudades,
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,
momentâneos lampejos:
vagas felicidades,
inatuais esperanças.

De loucuras, de crimes,
de pecados, de glórias,

– do medo que encadeia
todas essas mudanças.

Dentro deles vivemos,
dentro deles choramos,
em duros desenlaces
e em sinistras alianças...

Canções

Cecília Meireles

Os dias de Bárbara são compostos por sobreposições do tempo, em que as marcas de vivências precedentes insistem em ser iteradas, embrenhando-se de tal modo nas elocubrações que ela cria da realidade, que já não se sabe o que já se foi e o que ainda é; já não se sabe se as construções de novos dias não são meros caprichos de inventividades ilusórias, com inatuais esperanças. De tal modo, é capturada pelo tempo e interroga “o que faz a gente ficar assim?”.

No encadeamento deste tempo, não tão lógico como no relógio, ela conhece A. e, apesar da incerteza do relacionamento amoroso, o elege sob o crivo do desejo, incluindo o desejo de ser mãe. Em suas palavras:

Fiz já fiz o teste, vi que eu tava grávida, comecei a passar mal, minha família sempre soube, só ele que não, e aí quando ele veio me perguntar eu disse que não era dele, aí ele ficou com mais raiva e afastou de mim, era o que eu queria. O filho era meu, isso eu tinha certeza, e eu não queria por perto, eu tenho aquele negócio de rancor.

Os motivos que a levaram à negação da paternidade são posicionados de modo contraditório: ora por perceber que o parceiro vivenciara outros relacionamentos, como um rapaz “custoso” e “namoradeiro”; ora pelo respaldo de ser uma mulher “totalmente independente”; ora pela justificativa do uso abusivo de álcool e outras drogas.

Ele começou a entrar na bebida, drogas não, porque ele faz toxicológico de 3 em 3 meses e ele não pode né, porque no passado ele usou e eu larguei ele por conta disso. Eu não tenho

cabeça pra lidar com isso, foi por isso que eu não quis que ele soubesse da gravidez, não queria aquilo perto de mim, na minha família não tem isso. Não queria aquilo perto do meu pai; meu pai fala até hoje, o orgulho que tenho dos meus filhos é que ninguém nunca bateu na minha porta pra reclamar dos meus três filhos.

No revestimento da autonomia em ser mãe e na múltipla inventividade das razões que a levaram a seguir a maternidade solo, Bárbara conta do pacto vinculativo em que o parceiro é eleito no investimento de seus desejos, para ser descartado após a concepção. Ainda que pela via inconsciente, ela já haveria se apoderado das marcas e sinalizadores da configuração do vínculo e decidiu ser mãe, com ele e através dele.

Tal modalidade de vínculo, como já descrito por Naves (2014), reencena o implacável mal-estar, que coloca em ato o excesso que se fez impossível de ser transformado em sintoma, na relação organizada para além do desejo em viés da manutenção do gozo que não se significa.

Enquanto o embate com o Outro real e com a concepção da maternidade reedita insistentemente os traços da relação primitiva; há uma tentativa de inversão da condição de servidão, da posição de objeto para a posição de uso, ao decidir pela concepção e empreender a renúncia.

A experiência da devastação, mencionada anteriormente na emergência da relação primitiva com a mãe, ressoa como efeito na relação amorosa estabelecida com o parceiro e no modo de posicionar o corpo. Como constatara Lacan (1974/2003), ainda que, como efeito de ser um objeto do qual a mãe goza, a mulher, em suas escolhas amorosas deseje ocupar a posição de objeto mais-de-gozar na fantasia do homem, isso não é sem luta: a luta de não tornar-se novamente objeto de gozo.

Após dois anos decorridos do nascimento da filha, Bárbara conheceu outro homem, demarcando a esperança de dias melhores, do fortalecimento subjetivo e suplência de faltas precedentes:

Aí ela com dois aninhos, conheci um rapaz, ele assumiu ela, nossa, namorei esse rapaz, fiquei noiva e com 2 anos e meio de noiva, tudo [...] E foi naquela fase que eu voltei a ser quem eu era, aquela pessoa forte. Vida normal. K. fez 4 anos. Aí eu tive uma gravidez que nós queríamos, a minha filha adoeceu. (Eu fiquei grávida desse noivo, o G.). K. adoeceu, problema de rins, aí com essa doença dela, eu adoeci junto, o neném foi também. Mas foi coisa, eu tava de 3 semanas. Como se diz, foi espontâneo.

Em perspectiva transferencial, inquieta-me o modo como o aborto não parece lhe provocar nenhum tipo de atravessamento afetivo, como se a vivência da maternidade, especialmente no vínculo com este parceiro, passasse a ser desprezível.

Mobilizada pelo desejo a atraía retornar para o pai de K. Bárbara rompe a relação com G:

...tudo para eu poder casar, tudo marcado, igreja, festa, local de festa (tive que pagar a multa depois né) . Aí eu pensei, gente eu não posso, não é isso pra mim, casar com essa pessoa, porque eu ainda lembro do outro, que é o pai da K.

A repetição que a regressa faz ancoragem na tentativa de apropriação imaginária de seu corpo e de seu lugar na troca afetiva, na conjunção da mediação fálica que pudesse lhe trazer alguma significação como sujeito feminino. Neste sentido, ela ilustra ainda, a voz, testemunho e validação social.

O A. nunca parou de me ligar, 5 anos me ligando, nunca, aí sempre ela arrumava namorada, noiva, e essas mulheres me perturbavam, sendo que nem ver ele eu via. Aí elas iam no face, achavam eu, conheciam alguém que trabalhou na empresa, pegava meu número, mandava mensagem no zap. “O que você tem com ele, porque ele vive jogando na minha cara que ele te

ama, que é a mulher da vida dele, porque você é a única mulher cheirosa que ele conheceu.

Segundo Lacan (1972-1973 [1985]), independente da modalidade de vínculo, a mulher ocupa uma posição na fantasia de um homem, a qual denomina de encarnação do *objeto a*: o semblante do desejo inconsciente, da falta. O que ela busca a direciona à identificação, na posição de ser amada. Assim, o outro ocupa a dupla posição de preencher e ser a referência com a qual ela possa identificar-se. Perante a falta, ela persiste na busca pelo modelo feminino e, no entanto, tal demanda se faz impossível de definir, representada tão somente como a mera apresentação de ornamentos, máscaras e sinais que projetam a imagem aparentemente específica da mulher.

A exatidão dos detalhes da história, atrelada à legitimação de bancar o desejo “até o fim”, empreende a argumentação da defesa do retorno àquele vínculo. Ela precisava se convencer de que, para além dos sinalizadores violentos que emanavam daquela troca, haveria ali alguma possibilidade de tessitura do amor. Vale ressaltar que o amor e a devastação, possuem estreito parentesco, por ambos estarem sob o designo da falta de significante no outro, e do sem limite.

Isso foi no dia 04 de Janeiro de 2017, eu larguei do G. No dia 06, eu falei, tenho que fazer alguma coisa, senão eu vou voltar atrás, o G. é muito bom pra mim, eu gosto dele. Aí eu fui e beijei o A., e eu tenho aquela vergonha, beijei, agora não posso mais voltar atrás [...] Desde então, só o A. Aí, casei com o A. Com 9 meses junto eu engravidei, tive o H., e foi aquela gravidez maravilhosa.

O anseio por ser amada leva a mulher do deslumbramento à devastação, lugar que o homem pode ocupar tanto em um, como no outro, diante daquela que se vangloria ser o que dá aquilo que não tem. (Lacan, 1966/1998). O sem limite e a demanda infinita são constantes nestas concessões, da oferta do que não se tem – amor ao outro – quando o referencial de amor consigo é defasado.

Na busca de um lugar de pertença, Bárbara encontrou A. e com ele reproduziu a história estranhamente familiar. Aqui, mais uma vez, o texto de Freud (1919/1987), “O estranho”, aclara o modo como o estranho deriva seu terror não de determinada fonte externa ou desconhecida, mas, ao contrário, de algo estranhamente familiar que supera quaisquer esforços do sujeito de se separar dele.

Aí lá no hospital, ele nasceu; nossa eu tava muito feliz. Mas no dia em que eu cheguei em casa, eu quis morrer [...] Não aguentava mais nada, comecei a brigar com o A., e ele trocou de trabalho assim que o meu filho nasceu. Então assim, a gente sempre tava junto, todo dia, e ele foi e trocou de trabalho. Um trabalho que ele viaja, e tá até hoje, como carreteiro, viaja pra fora. Aí eu fiquei sozinha em casa, porque eu sai da casa dos meus pais e fomos morar juntos, aí eu fiquei sozinha.

É possível notar o modo como Bárbara articula a maternidade como possibilidade de resposta ao enigma da feminilidade, na tentativa de conciliar, ou até mesmo edificar sua posição de sujeito, em relação ao outro. No entanto, como apontara Linaris (2010), a maternidade, enquanto gozo Outro, não se reduz ao falo, ainda que a criança ocupe o lugar de falo para a mãe em determinado momento da constituição de sua subjetividade. Assim, para Bárbara, o nascimento do filho e o encontro com a solidão versam alguns descobrimentos no reencontro com a angústia.

Alberti & Alvarenga (2015) complementam que é na relação com a falta a ser que a mulher se defronta com o gozo que não perpassa pela mediação fálica, confrontando-a com o ilimitado. De tal modo, enquanto a maternidade pode ser inventada, como a suplência ao gozo de ser não toda; porventura, no laço com o filho é abrigado um gozo sem palavras, como resto da inscrição simbólica que confina a devastação ou ao arrebatamento.

Marcos (2011) evidencia ser justamente no romper do semblante que algo do gozo se evoca como desgaste, como a erosão que marca um território; assim, na queda dos

semblantes, a devastação se revela como gozo opaco e refratário à ordem simbólica. Nesta mesma abordagem, Soler (2005), aponta o gozo como núcleo da devastação, no sentido forte de aniquilar o sujeito pelo espaço de um instante. Os efeitos subjetivos deste processo nunca faltam, da mais leve desorientação até a angústia profunda, permeando todos os graus do extravio e evitação. A angústia que o aprofundamento do vínculo evoca é intensificada à medida que os traços da violência vão se acentuando. Na retomada de elementos simbólicos significativos para ela, Bárbara conta:

no dia do meu aniversário, que aniversário pra mim é sagrado, desde quando eu nasci. Aniversário, todo mundo está a minha volta, é sagrado. E no dia do meu aniversário nós brigamos e separamos, no dia 12 de janeiro. Foi quando, ele falou as palavras que eu nunca precisei ouvir, me chamou de “vagabunda”, e que se arrepende de ter me conhecido, porque eu não ia logo morar com meus parentes dos Estados Unidos, pra nunca mais ele precisar de ver a minha cara. Falou muita coisa feia, “cê tá louca, eu não sou obrigado a ficar com uma louca, você precisa arrumar um psiquiatra, e eu não sou psiquiatra”.

De modo incoerente, ainda empreendendo a mesma relevância do artifício simbólico da data de aniversário, ela aclara outras razões para o rompimento da relação, tornando impreciso se seria outro momento de rompimento:

No aniversário dele eu fui dar de mamá pro neném, peguei o telefone, vi um monte de número de mulher conversando com ele, aí eu não quis não, não quero passar o que já passei no passado não, eu quero tentar ser feliz com meus filhos, ser uma mãe boa [...] eu não sabia o porquê chorar tanto. Aí nos separamos, e ele falou que não iria pagar aluguel pra vagabunda, e eu disse, eu tenho lugar pra morar, né. E ele falava palavras feias que eu nunca ouvi de homem nenhum (eleva o tom de voz).

A palavra “vagabunda” tem significado particular para Bárbara, por lhe fazer recordar o posicionamento relacional de sua mãe, que além de trair o pai, permitiu que ela fosse abusada pelo tio em troca do sigilo dos relacionamentos extraconjugais. Assim, ela tece o

discurso de modo que os traços de violência do passado e do presente se entrecruzam.

Esclarecendo as vivências da violência conjugal, ela conta:

O A. me empurrou, me jogou dentro do banheiro, nem olhou pra trás. Aí ele falava assim pra mim “você merece apanhar, você tinha que apanhar dia e noite, você merece ser corna, eu tinha que ter te traído desde o começo, agora olha procê ver, dois anos e meio com você, acabei com a minha vida, cê destruiu a minha vida” e eu só trabalhando e louca dentro de casa, fechada [...] Ele não entendia meu choro “eco, que nojo, vou sair, na hora que você parar de chorar você me liga que eu volto pra casa”, realmente nem eu entendia. Era eu apertar o alarme do carro na garagem, já entrava chorando.

Mesmo diante de todos os enfrentamentos da angústia emergente no pós-parto, da solidão materna e dos dimensionamentos violentos, ela não compreendia a expressão do seu choro, ao mesmo passo que se queixava da mesma incompreensão do parceiro. Como aponta Naves (2014), como aspecto relevante da clínica com mulheres em situação de violência, destaca-se a emergência do corpo marcado por uma excitação pulsional indizível, desvelando a intensidade que resiste à inscrição desejante.

A ausência de sentido é endereçada ao outro para que possa minimamente reconhecê-la, nomeá-la e representá-la; no entanto, tal demanda é assimilada em versão impossível, já que o vínculo é marcado por outras modalidades de investimento.

Como mencionado por Mourão (2016), a violência, em sua essência se distancia da palavra, evidenciando contornos do imperativo de gozo, ódio, amor, hostilidade, pulsão destrutiva, sadismo, masoquismo, passagem ao ato, objeto patológico e gozo. Tais traços são enlaçados na trama vinculativa do caso, representada pela amarração do parceiro-devastação, que atualiza paulatinamente feitos destrutivos.

Aclarando os traços da violência verbal, no processo constante de destituição subjetiva, Bárbara argumenta:

“não adianta você ficar chorando não, olha pra sua cara, em vez de cê pensar que eu vou ficar com dó de você, eu tenho é nojo, tá parecendo um monstro”, essas são as palavras e eu creio que um dia essas palavras vão sumir da minha cabeça, aí assim eu sei que eu vou tá preparada.

Ao contar do modo de funcionamento do parceiro com outras mulheres, no relato de ser constantemente contatada por estas mulheres pessoalmente e por mensagens, ela se flagra no desvelamento dos sinais negligenciados anteriormente, ainda que pela via inconsciente:

“Não, ele chamava nós de biscate, na frente de todo mundo, bêbado, BISCATE, é isso, aquilo, morre logo” e eu falei gente o A. não, cêis tá falando do meu marido mesmo?(...) Hoje eu acredito em tudo que elas me falavam. “Não, empurrava nós, jogava nós na cama”, e ele fez isso comigo, falava que eu tinha que apanhar pra mim aprender, que é por isso que eu tava sozinha até hoje (pausa). Eu to sozinha porque eu não preciso de homem. As coisas que eu queria (inaudível) um caszinho de filho. Eu queria casar e ter filhos, mas eu não preciso entregar minha vida a uma pessoa que me maltrata, e agora eu sei que ele pode fazer isso.

Ela se posiciona frente ao vínculo de maneira interessante: não consegue se desvencilhar da trama vincular que a atrai para A., ao mesmo passo em que não se permite ou se reconhece capturada, de modo que ele não a tenha toda. Permanece à margem, não dentro, tampouco fora do vínculo; assim como atua em diversas outras expressões sintomáticas que se apresentam limítrofes. À revelia das tentativas de bordejamento psicopatológico, Bárbara se apresenta na contraposição à expectativa do clássico discurso histórico.

Aqui, novamente retomo a conceituação da clínica contemporânea de Recalcati (2004), marcada pela desarticulação da tríade sintoma-demanda-transferência ao estar associada aos novos sintomas que se delineiam, via perversão, pela divisão subjetiva. Nesta perspectiva, o vínculo é tramado na lógica do objeto, ou através do uso perverso do objeto que pretende encobrir a falta emergente da castração. De tal modo, a demanda permanece inevitavelmente reduzida à exigência superegóica de preservar a solução sintomática. É

justamente por se atar à preservação do sintoma que ela mantém o vínculo, na tentativa de atenuar a angústia pela prerrogativa da vingança:

E como se diz, eu falo que separei do A., ele fala que nunca separou de mim, que eu sou mulher dele. Assim, final de semana a gente vai na pizzaria, leva as crianças junto, muita gente não sabe disso, que nós estamos separados, até hoje. Mas eu sei que eu tô, porque eu parei de ouvir [...] É muito difícil, e... uma coisa, um homem que eu amei por 9 anos, eu não consigo sentir amor. Ele me encosta, pra ter relação e eu não quero, não tenho vontade, eu olho pra ele e tenho tanta raiva, eu olho pra ele e escuto todas as palavras que ele me falou. Ele pergunta, “você vai jogar isso até quando na minha cara”, e eu falo, A. até quando eu viver.

Em outro momento, ressalta a posição parental na justificativa de manutenção do vínculo:

A minha vida tá voltando ao normal. Agora eu vou lá pra roça, igual eu vou pro meu pai, ele aparece lá, dorme lá, nós dorme junto, abraçado (eleva o tom de voz). Só que eu posso tá dormindo, se eu ver que uma mão vai me alisar, na hora eu falo – não quero que me alisa, não consigo[...] E eu falei, mas eu sou tão ruim, sou tão podre, sou tão vagabunda, porque você quer uma mulher assim na sua vida? “nunca que você é isso, cê e uma boa mãe, cê é a pessoa mais trabalhadora que eu conheci na minha vida, eu tava com raiva, me perdoa” e eu, pede perdão pra Deus, talvez Deus te ajuda [...]“Então porque nós dois tá dormindo junto?” e eu falei – que dia eu fui pra sua casa dormir com você? Ele sempre fala “eu posso dormir aqui”, lógico que pode seus filhos estão aqui.

A modalidade de vínculo tecida é erguida como defesa contra a angústia, o sentimento de vazio, da ameaça e do aniquilamento, decorrentes da apropriação objetal a que Bárbara ocupara em sua história como refém do desejo do outro, mais ainda, refém dos desejos maternos. O efeito traumático é atualizado na verbalização do discurso da violência vivenciada, que é incansavelmente repetido ao parceiro, como se pudesse imaginariamente fazê-lo se apropriar da angústia na mesma intensidade com que a vivenciara.

Nesta perspectiva, ela tenta posicioná-lo como depositário do investimento de suas moções pulsionais, e abdica da vida sexual no propósito de fazer valer o seu projeto de revanche. Ao tentar sair do trauma a que se viu submetida, inventa a posição de domínio: inclusive da própria sexualidade. Bárbara tenta não ficar só com o próprio fantasma e simula a montagem na qual o parceiro é a um só tempo o sujeito, a fantasia e o objeto. Ela pode fazer dele um “gentleman” (em suas palavras), a um pecador que precisa ser punido. Na lembrança da música de Francisco el hombre, Bárbara pode transitar entre diferentes posicionamentos, pode ser rotulada de “*triste, louca ou má*”; o que ela não pode – transpondo minhas tentativas analíticas – é ser definida.

Considerações finais

O que quer uma mulher?

na interrogação que transcende os saberes
há tempos testemunhamos ensaios
a arriscar suprimir os seus mistérios

e o feminino que destoa da norma
transita em cada uma tecendo pluralidades
dançando com possibilidades

entre escapes e subversões
denúncias e anunciações
recusas e revogações

contamos nossas histórias
amplificando vozes e lutas
amparando laços e escutas

conectando redes
propagando forças
e ousando sustentar os querereres

Na tessitura das construções que demarcam a cartografia desta pesquisa, a questão do feminino baliza a composição da dissertação por meio dos desdobramentos da abordagem do caso. De tal modo, a transmissão da narrativa traduz o encontro desencontrado com Bárbara, que faz da travessia clínica um território de passagem. Os trilhamentos compostos pelos registros expressos bordejam o singular deste caso, que me faz sujeito da experiência, no espaço onde os acontecimentos têm lugar, nome, sensações e afetações, que inscrevem marcas, vestígios e efeitos.

Ao finalizar a pesquisa, neste momento, parece pertinente retomar o objetivo deste trabalho, que mobilizou a análise das representações do feminino que se desdobram no real do corpo, em perspectiva das ressonâncias da violência e dos impasses da apropriação da maternagem. Bárbara, nas interrogações do que é feita sua angústia, aciona os noticiamentos

do corpo e figura a dificuldade de posicioná-lo na troca simbólica. A análise da composição do caso clínico traduz marcas de um estranho querer, fertilizado por aspectos inconscientes, traços geracionais, fantasias encobridoras e sintomas corporais associados ao adoecimento; isso alojado no discurso que manqueja e faz pulsar como resto de seu desejo. Aspecto que a posiciona novamente no cenário da violência, evocando de maneira repetida os aspectos da devastação. No caso, de forma marcante, por vezes delirante, o feminino se pronuncia, na busca por inventar algo para si que possa revestir o corpo e afeiçoar-se com o que é ser mulher.

A construção do texto da dissertação faz ecoar também que os conceitos acerca do feminino e da feminilidade se deslocam na dinâmica sócio-político-libidinal, conforme se desloca a posição das mulheres. A psicanálise trata de se ocupar da leitura dos corpos femininos, assumindo o desafio de inventar o que se faz a partir do ciframento que evoca o feminino, traçando direções que articule a possibilidade criativa que o irrepresentável suscita.

Ao final deste trabalho, urge ressaltar a ampliação dos destinos pulsionais da mulher no decorrer das composições históricas e sociais, que foi marcada pela articulação de diferentes esferas – produtivas, reprodutivas e político-sindicais – sem estabelecer nenhum domínio predominante. As lutas contra as assimetrias do cotidiano e as novas proposições emergentes, alinhavaram condições de produção com novas modalidades de vida, na reafirmação do princípio de equidade entre os sexos.

Quais seriam os efeitos de tais modulações na clínica psicanalítica?

A escrita desse trabalho, finalmente, leva a pensar que os novos sintomas, assim como aponta Recalcati (2004), emergem como produtos do discurso capitalista no predomínio das demandas imaginárias do objeto, em seu enredamento espectral com o discurso da ciência,

engendram demandas da dialética do desejo. Palavra e gozo transitam por linhas paralelas incidindo na falta de um ponto de verticalização que possa coincidi-las, gerando impasse no ponto de diação e articulação sensível entre sintoma e transferência. Assim, afrouxam-se as possibilidades de estabelecimento do laço com o Outro.

Pensando o tema abordado de forma prospectiva, diante desses rearranjos, retomo Recalcati (2004), na interrogação de como a psicanálise pode ser potente na terapêutica dos novos sintomas. O autor aposta na operação com a retificação do Outro. Tal retificação pode ser empreendida como a manobra essencial de encarnar o outro real, distinto daquele que os sujeitos encontram em sua história, e isso implica em: não excluir, não anular, não refutar, não silenciar, não preencher, não sufocar. Tal configuração consiste na implicação de um novo laço possível. Nesta perspectiva, sustentar o programa do sujeito do inconsciente, corresponde a bancar a resistência no campo social ao programa do discurso psicanalista.

É nessa aposta da via da resistência, de sustentar a posição política na evocação dos discursos que nos afetam e das condições de vida que marcam nosso tempo, que me coloco no desassossego da pesquisa, acreditando na potencialidade da implicação do laço. Como mulher, psicóloga e pesquisadora, reconheço os efeitos da escuta feminina, especialmente no caso que protagoniza esta dissertação e me marca de maneira sensível, singular.

Bárbara traz uma história que precisa ser contada, vista, reconhecida. História que ainda não pôde ser lida e nomeada por ela mesma; quase como ato, na passagem à luta por alguma história que possa ser dela. Nesse momento conclusivo da dissertação resta ainda dizer que essa luta se articula a várias outras, seja para não tornar-se objeto de gozo, seja com a solidão dos próprios fantasmas, seja na busca por compreender o que se passa com seu corpo violentado nos enlaces intersubjetivos.

Ser a mulher a que ela endereça essas lutas faz pensar na articulação identitária que nos conecta e nos vincula a luta cotidiana de várias outras mulheres, na aliança possível entre aquelas que partilham de certa posição e condição. Aqui, o conceito de sororidade, do latim *sóror* (que remete a *frater*), a irmandade possível, pode ser evocado na articulação da rede de laços sociais que propaga a força e a resiliência das mulheres para vivenciar as violências cotidianas. Essa possibilidade que faz gerir uma rede de força que impulsiona as mulheres para conduzirem, juntas, um movimento político de transformação das estruturas socioculturais, ousando assumir os próprios desejos e devaneios.

Esse sentimento evoca movimentos sociais precedentes e representa a reapropriação do próprio corpo, da sexualidade, do prazer, da expressão dos sentidos e do saber que se apoia na experiência ancestral, comum e partilhada. Tal tessitura não é acabada, tampouco linear, mas permanece como resistência e inventividade; afinal, esta simbolização da referência e ancoragem no outro, também pode se o instante em que o amor se presta a construção do laço.

Referências:

Ariès, P. (1981). *A história social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman., 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.

Agamben, G. (2009) O que é o contemporâneo? In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos. P. 55-73.

Alberti, C & Alvarenga, E. (2015) *Ser mãe. Mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Tradução de Ribeiro, V. A. Belo Horizonte: Editora EBP.

Alberti, S., & Ribeiro, M. A. C. (2004) *Retorno do exílio: O corpo entre a psicanálise e a ciência*. Rio de Janeiro: Contra capa Livraria.

Araújo, E. (2004). A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: *História das mulheres do Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coordenação de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação – Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social*, Trad. E. D. Galery. São Paulo: Vetor.

Bernstein, D. (1998). Angústias genitais femininas: conflitos e modos típicos de domínio. In: *O enigma dos sexos*. (Org. Danna Breen). Cap. IX. Rio de Janeiro: Imago.

Birman, J. (1991). A linguagem na constituição da psicanálise. In: *Revista de psicologia e psicanálise*. Instituto de Psicologia da UFRJ.

Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: ed. 34. 240p. ISBN 85-7326-060-2.

Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 304p. ISBN: 852000492X.

Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 40 (72): 47-62.

Brousse, M. H. (2004). Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: Miller, J. -A. *Ornicar. De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Cavalcanti, C, A, T & Poli, M, C. (2015). O laço social e o mal-estar face ao desamparo. *Revista Interthesis*. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas UFSC. V.12, número 2. Jul/Dez. Florianópolis. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2015v12n2p55>

Ceccarelli, P. R. (2009). Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. *Revista Reverso*. Belo Horizonte. Ano 31. N.58. p 33-42.

Ciscato, M. (2019). O feminino que não se lê. *Revista Cult*. Recuperado em 18 de Maio de 2020, da: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-feminino-que-nao-se-le/>.

Cypel, L. (2014). Psicanálise dos vínculos de família e casal e a subjetivação do indivíduo nos tempos atuais. In: *Diálogos psicanalíticos sobre família e casal*. Org. Levisky, R. B., Gomes, I. C & Fernandes, M. I. A. [Tradução do texto em espanhol de Marta D. Claudino]. - São Paulo: Zagodoni Editora.

Cordeiro, N., & Bastos, A. (2011). O Supereu: Imperativo de gozo e voz. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 43. ii, p. 439-457.

Costa, J. F (1979). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

Costa, Ana. (2001). *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Couto, V. L & Teixeira, L. F. S. (2010). A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica Lacaniana. *Revista Psicologia em Estudo*. Maringá, v.15, n. 3, p. 583-591, jul/set. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000300016>.

Cunha, E., Birman, J., Fulgêncio, L., & Kupermann, D. (2016). *Amar a si mesmo e amar ao outro: Narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea*. 1 ed. São Paulo: Zagodoni.

D’Incao, M, A. (2004). Mulher e família burguesa. *In: História das mulheres do Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coordenação de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

Dufour, D. R. (2013). *A cidade perversa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Dunker, C. (2020). *O negacionismo como arma de destruição durante a pandemia*. Instituto de Psicologia, USP. IP na mídia. Notícia. Recuperado em 30 de Junho de 2020, de: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/07/24/interna_pensar,1169615/onegacionismo-como-arma-de-destruicao-durante-a-pandemia.shtml.

Emidio, T. S. (2008). *Diálogos entre feminilidade e maternidade: Um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis.

Faria, M. R.(2014). *Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan*. 3ª edição. Taubaté – SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). *Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil* - 3ª edição. Samira Bueno, Juliana Martins, Amanda Pimentel, Amanda Lagreca, Betina Barros, Renato Sérgio de Lima. ISBN 978-65-89596-08-0.

Ferrari, A. (1995). O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica. *Rio de Janeiro: Imago*.

Ferreira, A. M. & Paravidini, J. L. (2019). As dimensões do corpo na perversão comum: objeto, imagem e borda. *Revista Subjetividades*, 19(1): e6781. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e6781>

Freud, S (1911). Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930-1936). O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos. *Obras completas*. Volume 18. Companhia das letras. Tradução: Paulo Cesar de Souza.

Freud, S. (1932). *Porque a Guerra? Indagações entre Eistein e Freud*. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1033690/mod_resource/content/1/Aula%2B026%2B-%2BFreud%2B%2BEinstein.pdf. Acesso em 12 de Setembro de 2021.

Freud, S. (1996). A questão de uma Weltanschauung. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1933).

Freud, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud*. Vol. VII, pp. (121-252). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905).

Freud, S. (1987). O estranho. *In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1919).

Freud, S. (1990). O Ego e o Id. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923).

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In S. Freud, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Pulsões e suas vicissitudes. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915).

Freud, S. (1996). Mais além do princípio do prazer. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII. – Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1920).

Giulani, P, C (2004). Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. *In: História das mulheres do Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coordenação de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

Guignard, F. (2002). *La relation mère-fille. Entre partage et clivage*. Colletion de la Sepea. In Press Éditions. Paris.

Guimarães, L. (2014). *Gozos da mulher*. Petrópolis: KBR.

Júnior, A. B. N. (2016). Psicanálise, carne e estigmas. *Revista IDE*. São Paulo, 39 [62] 29-43.

- Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. Trad. I. B. Machado, & P. C. G. Castanho. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Kehl, M. R. (2003). Em defesa da família tentacular. In Pereira, R. C. et al. *Direito de Família e Psicanálise*. Editora Imago. Rio de Janeiro, 2003.
- Kehl, M. R. (2015). O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1969). Duas notas sobre a criança. De JACQUES, A. M. (Traduzido por Durval Checchinato) In: Ornicar? *Revista do Campo freudiano*. N. 37.
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. P. 371-372. (Texto original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J (1992). *O seminário, livro 17. O avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Consultor Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar. (Texto original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Texto original publicado em 1949).
- Lacan, J. (1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. (Texto original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. (V. Ribeiro trad.). In *Escritos* (PP.692-703). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Texto original publicado em 1958).

Lacan, J. (1999). *O seminário livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957-1958).

Lacan, J. (2003). *A identificação. Seminário 1961-1962*. Recife: Centro de Estudos Freudianos. (Texto original publicado em 1961-1962).

Lacan, J. (2003). O aturdido. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1974).

Lacan, J (2005). *O seminário livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1962-1963).

Lacan, J (2008). *O seminário livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1972-1973).

Larrosa, J. B (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 19. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística.

Linaris, R. G. (2010). *A relação entre feminilidade e maternidade nas concepções de Freud a Lacan – uma pesquisa teórica*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP.

Lobo, S. (2008). As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Volume 42, n.4, 67-74.

Marcos, C (2011). Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. *Psicologia Estudo*. Maringá, v.16 n.1. Recuperado em 20 de maio de 2021, de: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100017>

Maurano, D. (2006). *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo. Martins Fontes. (Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon).

Miller, J. A. (1999). Uma distribuição sexual. Uno por Uno. *Revista Mundial de Psicoanálisis*, n. 47, pp. 17-29.

Mota, R., & Leal, Carlos. (2007). A mulher e o corpo na sociedade contemporânea. P. 153 - P.163. *Revista CES*, v.21. Juiz de Fora.

Mourão, M. (2016). Violência contra o corpo de uma mulher e a era do consumo massificado. *Opção lacaniana*. Ano 7. Número 19. Março 2016. ISSN 2177-2673.

Naves, E. T. (2014). A mulher e a violência. Uma devastação subjetiva. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 14(3): 454-462 dezembro. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.5020/23590777.14.3.453-462>

Neves, T. I; Santos, A. S; Mariz, I.A.S (2017). A violência e o seu real: Žižek e a psicanálise. *Revista Subjetividades*. Estudo teórico. E-ISSN:2359 – 077. Recuperado em 27 de Setembro de 2019, de : http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100005.

Oliveira, H. M (2016). O “Nostálgico” e o “Contemporâneo”: algumas considerações sobre o lugar do psicanalista no século XXI. *Cadernos de psicanálise*. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 25-45, jan./jun.

Pasinato, W. & Colares, E. S. (2020). *Pandemia, violência contra as mulheres e a ameaça que vem dos números*. Psicanálise e Democracia. Notícia. Recuperado em 08 de Setembro de 2021, de: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2020/04/pandemia-violencia-contra-as-mulheres-e-a-ameaca-que-vem-dos-numeros-por-wania-pasinato-e-elisa-sardao-colares/>.

Penso M; Costa L; Almeida T & Ribeiro M. (2009). *Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares*. Brasília: Universidade Católica de Brasília.

Perrot, M. (2009). *História da vida privada: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. Organização Michelle Perrot; Tradução Denise Bottman, Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras.

Poli, M. C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da Clínica*, Vol. XIII, nº 25, 154-179. Recuperado em 24 de Fevereiro de 2020, de: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v13i25p154-179>

Priori, M. D. (2004). *História das mulheres do Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coordenação de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

Rago, M. (2004). Trabalho feminino e sexualidade. In: *História das mulheres do Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coordenação de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

Ramirez, C. (2016). Lalíngua. In *Scilicet: O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI* (pp. 191-193). São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

Recalcati, M. (2004). A questão preliminar na época do Outro que não existe. *Latusa Digital* – ano 1- N°7. Tradução: Anamaria Lambert.

Ribeiro, M. F. R. (2009). *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. Tese (Doutorado) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura. Instituto de Psicologia da Pontífica Universidade Católica de São Paulo.

Rosa, M. D., & Lacet, C. (2012). A criança na contemporaneidade: entre saber e gozo. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 17, n. 2, jul. /Dez. 359-372. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v17i2p359-372>

Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/FAPESP.

Santos V.O. & Gazzi M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 32 (3), 632 – 647. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000300009>

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Souza, D. E (2016). *A devastação e sua relação com o irrepresentável do corpo feminino: algumas considerações no laço da psicanálise e literatura*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Departamento de Psicologia. Estudos de Subjetividade, Niterói.

Sternick, Mara. V. DC. (2010). A imagem do corpo em Lacan. *Reverso*. Belo Horizonte. Ano 32. N. 59. P. 31 - 38. Jun.

Stevens, C (2005). Ressignificando a maternidade. *Psicanálise e literatura*. Gênero: revista do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero, Niterói, v.5, n. 2, p. 65-79. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.22409/rg.v5i2.385>

Tralli, M. P. (2012). *Mãe e filha na família incestuosa: a composição de um estranho lugar afetivo*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia.

Viana, D. A. (2004). *Figurações da corporeidade: Por uma concepção psicanalítica de corpo pelas bordas da pulsão*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.

Vilhena, J., Bittencourt, M., Novaes, J & Zamora, M. (2013). Cuidado, maternidade e temporalidade: repensando os valores contemporâneos da eficiência. *Cad. Psicanálise – CRPJ*, Rio de Janeiro, v.35, n.28, p. 111-127, jan. /Jun.

Vorcaro, A. (2003). Sob a Clínica: Escritos do caso clínico. *Revista Estilos da Clínica*. 8 (14), 90-113. Recuperado em 21 de Setembro de 2021, de: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v8i14p90-113>

Vorcaro, A. (2010) Psicanálise e método científico: O lugar do caso clínico. In: *KYRILLOS NETO, F. e MOREIRA, J. O. Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade. Barbacena: EdUEMG, 2010.* Recuperado em 19 de Janeiro de 2021, de : http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120420165701.pdf?PHPSESSID=d61940678ae9c4c46e3bc7a97e69a958.

Žizek, S. (2005). *Às portas da revolução: Escritos de Lênin de 1917*. Tradução de Luiz Bernardo Pericás, Fabrizio Rigout e Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo.

Zucchi, M. (2014). Esse estranho que nos habita. O corpo nas neuroses clássicas e atuais. *Opção Lacaniana Online*, ano V, n.4. Recuperado em 27 Novembro de 2020 de : http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_14/Esse_estranho_que_nos_habita.pdf.